



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II

Desenvolvimento das competências sociais da criança: Desobediência

Relatório de estágio apresentado para obtenção do grau de mestre na área de
Educação do Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Carla Almoster Alberto

Orientador:
Ramiro Marques

maio, 2018

Agradecimentos

O espaço limitado desta secção de agradecimentos, seguramente, não me permite agradecer, como devia, a todas as pessoas que, ao longo do meu Mestrado em Pré-escolar e 1-º Ciclo do Ensino Básico me ajudaram, direta ou indiretamente, a cumprir os meus objetivos e a realizar mais esta etapa da minha formação académica. Desta forma, deixo apenas algumas palavras, poucas, mas um sentido e profundo sentimento de reconhecido agradecimento.

Ao Professor Ramiro Marques, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e apoio incondicionais que muito elevaram os meus conhecimentos científicos e, sem dúvida, muito estimularam o meu desejo de querer, sempre, saber mais e a vontade constante de querer fazer melhor. Agradeço também a oportunidade que me deu, com gratidão, não só a confiança que em mim depositou, desde o início, mas também, o sentido de responsabilidade que me incutiu em todas as fases do Projeto.

A todas as professoras cooperantes que me acompanharam ao longo deste percurso em cada estágio e que sempre me respeitaram e ajudaram a concretizar esta etapa da minha vida mostrando-se colaboradoras e esclarecedoras perante as minhas dúvidas e receios.

À Minha Família, em especial aos Meus Pais, ao Minha Irmã, um enorme obrigada por acreditarem sempre em mim e naquilo que faço e por todos os 00 ensinamentos de vida. Espero que esta etapa, que agora termino, possa, de alguma forma, retribuir e compensar todo o carinho, apoio e dedicação que, constantemente, me oferecem. A eles, dedico todo este trabalho.

Ao Tiago, um agradecimento especial pelo apoio e carinho diários, pelas palavras doces e pela transmissão de confiança e de força, em todos os momentos. Por tudo, a minha enorme gratidão!

Aos Meus Amigos, em especial à Mara Rangel, Filipe Garcia, Gustavo Rangel, João Cardoso e Gonçalo Reis intermináveis desabafos ao telemóvel e pela partilha dos bons (e menos bons) momentos. Pela amizade, companhia e afeto, Muito Obrigada.

O meu profundo e sentido agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

Resumo

O presente relatório encontra-se inserido na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada no primeiro ciclo do ensino básico – 3º e 4º anos que por sua vez se encontra integrado no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do ensino básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém e tem como vista a obtenção do grau de mestre.

Este divide-se em três principais capítulos. O primeiro apresenta os diversos locais de estágio vivenciados, bem como as experiências ultrapassadas ao longo dos mesmos. A apresentação destes é fulcral no que diz respeito ao percurso percorrido para a definição do tema tratado no presente relatório.

Já o segundo capítulo descreve as principais questões orientadoras, assim como a metodologia utilizada e o processo de recolha de dados. Passando pela realização de questionários a educadores e professores que demonstraram a sua opinião em relação à desobediência infantil em pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este estudo é fundamental no sentido de completar toda a fundamentação teórica apresentada no relatório demonstrando segundo os participantes as principais causas para a desobediência na escola, as situações mais frequentes da mesma e os fatores de diminuição deste comportamento.

Por fim, o último capítulo expõe todas as considerações finais sobre o relatório, as implicações do estudo para a prática e os principais fatores para estudos futuros.

Palavras-chave: Criança; disciplina; desobediência; professores.

Abstrat

This paper is included in the curricular unit of Supervised Teaching Practice in the first cycle of basic education - 3rd and 4th years, which is integrated into the Master's Degree in Pre-primary and Primary Education of Superior School of Education in the Polytechnic Institute of Santarém and aims to obtain a master's degree.

This paper is divided into three main chapters. The first one presents the different places of internship, as well as the experiences passed through them. The presentation of these is central to the course taken to define the topic addressed in this work.

The second chapter describes the main questions in this investigation, as well as the methodology used and the data gathering process. For that process educators and teachers respond to the questioner demonstrating their opinion regarding child disobedience in preschool and 1st Cycle of Basic Education. This study is fundamental in order to complete the theoretical basis presented in this work demonstrating according to the participants the main causes for disobedience in school and the most frequent situations as well as the factors in decreasing this behavior.

Finally, the last chapter presents all the final considerations on the investigation, the implications of the study for practice and the main ideas for future studies.

Keywords: Child; discipline; disobedience; teachers.

Índice

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	II
Abstrat.....	III
Introdução.....	1
Capítulo I – Percurso de Prática Supervisionada.....	2
1. Contextos de Estágio.....	2
1.1. Prática em contexto de creche.....	2
1.2. Prática em contexto de Jardim de Infância.....	6
1.3. Prática em contexto de 1.º Ciclo – 1.º ano.....	9
1.4. Prática em contexto de 1.º Ciclo – 3.ºano.....	16
2. Percurso Investigativo.....	23
Capítulo II – Desenvolvimento das competências sociais da criança: desobediência. 25	
1. Definição do problema.....	25
2. Fundamentação Teórica.....	26
2.1. A Criança.....	26
2.2. A criança e a disciplina.....	26
2.3. A disciplina e as fases do desenvolvimento.....	28
2.4. Auto-estima.....	29
2.5. O que é a desobediência?.....	30
2.6. O porquê da desobediência.....	30
2.7. Descontentamento dos pais.....	33
2.8. Desobediência na escola.....	33
3. Instrumento.....	34
4. Procedimento.....	34
4.1. Procedimentos de recolha e análise de dados.....	34
5. Participantes.....	35
6. Apresentação e Análise dos Resultados.....	35
6.1. Análise de dados.....	35
6.2. Discussão de dados.....	37
Capítulo III - Considerações Finais.....	39
1. Considerações Finais.....	39
2. Implicações do estudo para a prática.....	40
3. Estudos Futuros.....	40
Referencias Bibliográficas.....	41

Anexos 42

Introdução

O presente relatório encontra-se inserido na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada no primeiro ciclo do ensino básico – 3º e 4º anos que por sua vez se encontra integrado no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do ensino básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém e tem como vista a obtenção do grau de mestre.

Segundo Brazelton e Sparrow, a desobediência é um dos problemas de disciplina mais comuns da disciplina, esta tem a ver com o ensino e não com a punição. Não acontece de um dia par ao outro. Exige paciência e repetição. O objetivo de longo prazo para a disciplina é promover o autocontrolo, para que a criança seja capaz de estabelecer os seus próprios limites. Isto demora anos.

Neste relatório pretende-se desmistificar a desobediência infantil apresentando a mesma ao longo deste trabalho que se divide em três principais capítulos, capítulo I demonstra todo o percurso vivenciado nas valências de creche, jardim de infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico de forma a enquadrar o tema escolhido deste projeto apresentando uma reflexão sobre cada prática supervisionada, bem como o percurso percorrido ao longo dos mesmos.

Capítulo II, tende a identificar a problemática, assim como a amostra do estudo e os seus instrumentos. Seguindo-se de um enquadramento teórico sobre o tema da competência sociais da criança para suporte da análise e reflexão das conclusões retiradas do estudo. Este trabalho de investigação pretende refletir algumas das minhas preocupações, enquanto profissional de educação, na medida em que me deparei com algumas situações de dificuldade em manter uma postura acertada enquanto educadora/ professora.

Capítulo III, expõe todas as conclusões finais sobre o projeto identificando os obstáculos percorridos, os sucessos/insucessos deste percurso e implicações do estudo para a prática bem como recomendações para estudos seguintes sobre esta problemática.

Capítulo I – Percurso de Prática Supervisionada

1. Contextos de Estágio

No presente mestrado em Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico vivenciei diferentes contextos de prática supervisionada passando de seguida a apresentá-los.

1.1. Prática em contexto de creche

O primeiro contato de prática supervisionada foi realizado no Jardim de Infância situado em Santarém.

“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.”

(Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997), p. 40)

O Jardim de Infância foi inaugurado a 21 de janeiro de 2008, por sua excelência, a ministra da educação, professora doutora Maria de Lurdes Rodrigues; pelo Exmº Senhor Presidente da Câmara Municipal de Santarém Dr. Francisco Moita Flores.

Atualmente é uma instituição sem fins lucrativos que se dedica à Educação e à Cultura, financiada pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Esta instituição é conhecida pelo seu método específico e prima pela educação exemplar na tarefa grandiosa de educar crianças.

Esta instituição é constituída por quatro valências, sendo elas, a Creche, o Jardim de Infância, o 1.º Ciclo e o 2.º Ciclo, sendo composta por quatro salas de creche, três salas de jardim-de-infância, cinco turmas de primeiro ciclo e uma turma de 2.º Ciclo. No salão da creche existe uma copa (onde se prepara os lanches das crianças), uma sala de mães (apoio à amamentação), uma casa de banho para adultos, duas casas de banho para as crianças do pré-escolar e para crianças com dois anos da creche que já utilizam as casas de banho fora da sala. É importante ainda referir que todos os acessos dentro deste edifício são compostos por rampas de modo a facilitar a deslocação de todos, principalmente das crianças. Fora deste

salão existe também um refeitório para as idades superiores a um ano e meio de idade e um ginásio.

A sala onde contemplei o estágio era constituída por 15 crianças sendo elas de faixa etária de um ano e meio e dois anos, dez do bibe azul e cinco do bibe verde. No total são onze raparigas e quatro rapazes. O bibe azul corresponde à idade de um ano e meio e o bibe verde corresponde à idade de dois anos.

Durante esta prática observei que a diferença de idades entre as crianças era um fator relevante na medida em que existiam competências mais evoluídas nas crianças mais velhas como a expressão oral e motora.

No geral é um grupo ativo, interessado e participativo. As crianças são bastante exploradoras e interessadas pelo que acontecia de novo na sala. Durante o estágio pode-se observar as variadas atividades das crianças bem como as suas rotinas ao nível das refeições, higiene e cuidados básicos, verificando a importância da orientação por parte do adulto em todas elas.

O projeto educativo tem como tema a “Educação para a Cidadania”, que pretende preparar as suas crianças/alunos para se tornarem cidadãos que convivem com várias culturas.

O método de avaliação da Instituição centra-se muito em grelhas de avaliação e em assembleias de reflexão.

O projeto realizado durante este estágio intitula-se “*Contar as cores de cima para baixo*” e pretende estimular o interesse das crianças para as seguintes temáticas: as cores, os números até cinco e a lateralidade.

Esta problemática surgiu da necessidade da educadora cooperante dinamizar estas temáticas com as crianças, tendo surgido a oportunidade de poder trabalhar estes temas na semana de intervenção.

Tendo em conta os aspetos referidos, o projeto caracteriza-se por proporcionar diversas experiências que promovam a exploração e a aquisição de saberes por parte das crianças, centrando-se no desenvolvimento global das mesmas. Uma outra característica do projeto é a transversalidade, este projeto aborda diferentes áreas de conhecimento a partir das atividades propostas.

Este projeto surgiu da necessidade de serem trabalhadas as temáticas que já referi anteriormente. Daí surgir a necessidade de criar um conjunto de atividades que proporcionassem às crianças prazer na sua realização.

Propôs-se realizar atividades que trabalhassem as cores, os números até cinco e a lateralidade, onde abordamos essencialmente as cores e a lateralidade. Estas três temáticas foram quase sempre abordadas em conjunto de modo a que fossem interiorizadas pelas crianças.

Nestas idades, a criança ainda não desenvolveu a expressão oral e são poucas as que conseguem ainda expressar-se através da fala, no enquanto a totalidade do grupo já se consegue deslocar através da marcha.

Saliento a execução de duas atividades planeadas para o grupo tendo em conta a sua faixa etária e adaptabilidades, assim primeiramente foi apresentado ao grupo uma história “O macaco barulhento adora brincar”¹, onde se começou por apresentar o livro e explorando o macaco com som (fantoche incorporado no livro). Depois deu-se início à leitura da história, interpretando os sons dos animais ao longo da história e pedindo às crianças que acompanhem os sons respetivos de cada animal apresentado. Posteriormente, as crianças começam por se sentarem no tapete e ouvem a música “Panda e Os Caricas - Os Sons dos Animais”² realizando os sons correspondentes a cada animal e onde depois imitam a locomoção de cada um dos animais da música que estão a ouvir, como por exemplo, o gato. Por fim, as crianças explorando a sala deverão imitar a locomoção de cada um dos animais.

Uma segunda atividade foi realizada igualmente planeada, promovendo tarefas de movimento, desenvolvendo a motricidade global. Assim, inicialmente entregou-se uma fita encarnada e outra amarela a cada criança e pediu-se que ao som de uma música as explorassem livremente. Posteriormente, proporcionou-se um diálogo relativamente às cores (amarela e encarnada), onde as crianças deverão verbalizá-las corretamente e levantar a fita correta a quando verbalizadas pela educadora, bem como movimentos de lateralidade colocando as fitas para a sua direita ou esquerda quando a educadora o referia.

Segundo Piaget, o desenvolvimento da criança se divide em diferentes estádios, sendo o que corresponde à primeira idade o Estádio Sensoriomotor (0-2 anos). Neste estádio a criança desenvolve e coordena capacidades sensoriais e motoras que aos poucos se vão tornando mais complexas. A criança começa a coordenar esquemas e a experimentar novos meios através da exploração dos objetos com tentativas e erros. Nesta fase, a criança depende dos sentidos e da ação para descobrir o mundo, começa a adquirir o conceito de “permanência do objeto” e a desenvolver a intencionalidade e compreensão de relações de causa-efeito.

É também na primeira infância que encontramos o Jogo Funcional, mais uma vez, segundo Piaget, neste estádio as crianças brincam agitando as mãos, brincando com os pés, formando as funções de percepção e de motricidade. Os jogos dirigidos a esta idade estão diretamente relacionados com a maturação progressiva neurológica, motora e a coordenação inter sensorial da criança.

É a segurança e o sentido exploratório que fazem com que as crianças tirem o maior partido das atividades propostas, que se empenham e envolvam o mais possível, e foi isso

¹ Anexo 1 – Planificação “O macaco barulhento adora brincar”

² Anexo 2 – Planificação “Panda e Os Caricas – Os Sons dos Animais”

que maioritariamente se trabalhou em grande grupo as atividades realizadas, não só a exploração dos sentidos, mas como as relações que se pode estabelecer.

A autora Bárbara Bettencourt afirma que, as crianças diferenciam-se pela cor do bibe, único elemento distintivo no recreio. Até há pouco tempo até a brincadeira dos intervalos era 'orientada' pelas educadoras que propunham jogos e atividades, "mas achámos que era um exagero e acabámos com isso" refere António Carvalho. A educação e as boas maneiras são valores prezados e aos três anos já comem sozinhas com dois talheres.

Assim, a intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação, as crianças, possam em situações de interação social ou sozinhas, ampliar as suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e da comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, como da sala em que vivenciei o estágio tratado em que a faixa etária das crianças estendia-se do ano e meio aos dois anos, com as quais trabalha respeitando as suas diferenças e ampliando as suas pautas de socialização. Nesta perspetiva, o professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

Presenciei comportamentos agradáveis e alguns menos agradáveis ao longo deste percurso, assim como foi visível situações frustrantes e enriquecedoras por parte das crianças. Trabalhei no sentido de despertar curiosidade e motivar o grupo a ponto de complementar as suas aprendizagens e conhecimentos.

Foram abordadas algumas áreas em que a educadora trabalhara com as crianças anteriormente ao início do meu estágio como as cores amarelo e encarnado, a lateralidade e a referência aos números até cinco. Durante o estágio foi ainda incutido formas de socialização como a aprendizagem do obrigado e por favor. É de referir que algumas crianças se mostraram mais apáticas ao início destes conteúdos, mas obstáculos esses que foram superados e no final do meu percurso a maioria do grupo já era enriquecedora desses saberes.

Todas as atividades e intervenções realizadas tiveram na sua maioria a orientação da educadora que designava o que devia ser executado, no sentido de complementar as planificações e observações apresentadas. Essas mesmas planificações, a meu ver, foram essenciais para a organização das atividades realizadas em estágio, no entanto pude

observar também que com um grupo desta faixa etária podem surgir algumas alterações nas mesmas durante a própria atividade orientada, este aspeto melhorou o meu sentido de improvisação perante estas mesmas situações e penso que será uma mais-valia futuramente.

Por fim, ao longo da execução de atividades foi observável o envolvimento e motivação do grupo crianças pelas mesmas, sendo que em algumas atividades estas mostraram-se mais envolvidas do que outras, esta experiência fez-me refletir sobre pontos que poderiam ser alterados para que as crianças se sintam mais motivadas no decorrer das atividades, como a alteração de estratégias para a apresentação de histórias ao grupo fazendo com que este se interesse mais pelo que lhe está a ser apresentado.

1.2. Prática em contexto de Jardim de Infância

No seguimento deste percurso académico realizei durante o primeiro ano de mestrado um segundo estágio situado entre a localidade do Vale de Santarém e da Póvoa da Isenta, sensivelmente a meio caminho das duas povoações.

No núcleo da instituição funcionam as respostas sociais: Creche e Jardim de Infância. O espaço geográfico da resposta social do ATL fica um pouco mais distante às restantes, junto às cavalariças da mesma quinta.

Assim, o Jardim de Infância abrange crianças entre os 4 meses e os 6 anos de idade e acolhe algumas com necessidades educativas especiais. Estes casos específicos são acompanhados por pessoal credenciado e especializado para poderem apoiar melhor a sua integração no ensino corrente.

Esta instituição dispõe de 5 salas de creche, 4 salas de jardim de infância, 1 sala de acolhimento, 1 hall, 3 refeitórios, 8 casas de banho para crianças e 2 para adultos, 1 sala destinada ao pessoal, 1 cozinha e um pátio.

Tem ainda um salão polivalente este espaço é bastante amplo e permite a prática de atividades educativas e lúdicas. Aqui decorrem as atividades extracurriculares como a música e a ginástica.

Relativamente ao espaço exterior, esta zona situa-se junto ao edifício (na parte de trás deste) e é de fácil acesso às salas de atividades. A zona da frente está preparada para recreio das crianças e encontra-se relvada. Possui bastante sombra e está gradeado; é usado mais no verão. Também existe o espaço envolvente, sendo assim possível a utilização do espaço rural que a envolve, dando às crianças o privilégio de poderem usufruir de todo espaço exterior, privilegiando-se o contacto com os animais e com a natureza. Atualmente, esta instituição proporciona transporte às crianças do Vale de Santarém, Póvoa da Isenta, Vila Chã de Ourique, Cartaxo e Santarém.

David Weikart e Mary Hofman (2007) defendem que se um jardim de infância tiver uma boa organização do clima educativo as crianças iniciam atividades que partem dos seus interesses pessoais, das suas intenções, escolhem os materiais e decidem o que fazer com eles, exploram-nos ativamente, descobrem relações através da experiência direta com os objetos, transformam e combinam os materiais, utilizam instrumentos e equipamentos apropriados para a sua idade. Estes são processos manipulativos vitais e são essenciais para o desenvolvimento global da criança. Para os espaços da sala funcionarem é importante refletir naquilo que se quer que o espaço comunique às crianças. O ambiente no Jardim de infância não é definitivo. Planear, arranjar, avaliar e rearranjar é um processo contínuo na busca da qualidade e daquilo que melhor se adequa às crianças em questão. Os fatores que influenciam a qualidade do contexto são o nível de segurança, saúde, desenvolvimento e aprendizagem, que incluem aspetos como espaços, equipamentos, brinquedos e materiais.

O projeto educativo da instituição assenta sobre as orientações curriculares (1997) onde a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

A sala onde vivenciei esta experiência era constituída por 19 crianças, com faixa etária de quatro anos, todas estas muito acolhedoras e envolventes nas rotinas estipuladas.

O Projeto Pedagógico de sala vai ao encontro do tema do Projeto Educativo da Instituição “A Saúde e o Bem-Estar”.

Pretende-se educar as crianças em conjunto com as famílias, e com a comunidade, explorando as várias áreas de desenvolvimento, de modo a formar indivíduos assentes em princípios e valores próprios.

Já o projeto delineado durante este estágio teve em conta as características da instituição, da sala e do grupo de crianças, bem como das observações efetuadas. As observações/caracterização que se fez nos dois primeiros dias e na semana de intervenção partilhada com a educadora foram importantes, no sentido em que se percebe efetivamente o contexto, bem como o grupo e as suas necessidades e interesses, para melhor definir o projeto que se implementou.

Durante a semana de intervenção partilhada pode-se observar que o grupo tinha muitas dificuldades no cumprimento de regras, em expressar-se não demonstrando um espírito crítico, revelando ser bastante imaturo para a faixa etária.

Desta forma o fio condutor é a área de Formação Pessoal e Social, dado que é considerada uma área transversal porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos

próprios, se insere em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância, uma vez que tem a ver com a forma como as crianças se relacionam consigo próprias, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes, valores e disposições que constituem as bases de uma aprendizagem bem sucedida ao longo da vida e de uma cidadania autónoma, consciente e solidária, (OCEPE,1997).

Assim, delineou-se o projeto durante este estágio intitulado “Seguranças rodoviária – cumprimento das normas e medidas de segurança, onde se colocou três conteúdos cruciais como a simbologia de sinais, regras de circulação pedonal e uso de equipamentos de proteção social.

Durante o estágio tenta-se sempre interagir com as crianças, criando diálogo com as mesmas e dando continuidade ao que propunham ou mostravam interesse. Tentámos perceber o que cada criança sente em algumas situações, quais as suas preferências e dificuldades, de maneira a que a nossa intervenção fizesse sentido não só nas potencialidades das crianças, mas também melhorar as dificuldades. Assim, foi observável as suas dificuldades de organização e respeito pelas normas de segurança rodoviária e com esse mesmo intuito foram realizadas atividades para superar essa dificuldade, saliento a conversa com as crianças sobre a importância da segurança rodoviária iniciando este tema e procurando saber os conhecimentos já adquiridos por cada criança. De seguida, são apresentados alguns dos mais importantes sinais para os peões referindo os diferentes grupos dos mesmos, como os de perigo, informação obrigatoriedade e assim o significado destes.

Em pares é pedido às crianças que construam o seu próprio sinal através da visualização de um real em papel com as tintas facultadas. Assim inicia-se a construção de um jogo de circuito respeitando esses mesmos sinais durante o jogo no final.

O grupo de crianças é dividido sendo que metade realiza o jogo de identificação de sinais³ em que cada criança segue instruções de outra como “coloca o pé direito num sinal de informação” e assim sucessivamente até a criança ficar com os 2 pés e 2 mãos em sinais diferentes assim como os colegas e numa embrulhada alguma criança largar a sua posição e o jogo acaba.

No segundo jogo a outra metade do grupo realiza o outro jogo onde respeitando as regras do jogo do circuito⁴ que à semelhança do jogo da glória tem “casas” construídas pelas crianças assim como sinais, estes jogam um dado e avançam consoante o numero que calhe respeitando as ordens das casas correspondentes ao sinal de trânsito de cada casa. Neste jogo as crianças são os próprios peões e assim que terminado os grupos trocam de jogo.

³ Anexo 3 – Planificação “Jogo de identificação de sinais”

⁴ Anexo 4 – Planificação “Jogo de Circuito”

“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.

A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador.”

(OCEPE (1997) p.27)

Durante este percurso, foi visível o desenvolvimento de capacidade de identificação de sinais rodoviários bem como o respeito pelos mesmos, alcançando os objetivos deste projeto e construindo um conhecimento mais cívico em cada criança.

1.3. Prática em contexto de 1.º Ciclo – 1.º ano

Já no segundo ano de mestrado esperam-se conhecimentos consolidados e aprendizagens elaboradas podendo assim realizar continuar um percurso académico realizando estágio na escola do 1º Ciclo. Esta instituição é constituída por onze salas de aula, inicialmente de área aberta, agora separadas por paredes, distribuídas por dois blocos. Cada bloco tem dois pisos com três salas e uma zona comum. Todas as turmas funcionam atualmente em regime normal, existindo ainda uma sala UAE (Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência) e uma sala UEE (Unidade de Ensino Estruturado). Existe também um polivalente, onde se realizam atividades na área das Expressões e onde se efetuam convívios e festas em que se envolve toda a comunidade escolar, sendo também o espaço onde os alunos passam os intervalos nos dias de chuva. De realçar ainda a existência de uma biblioteca integrada na rede de bibliotecas escolares, sala de professores, um gabinete da Coordenação do estabelecimento, uma reprografia, uma cozinha, casas de banho e arrecadações.

O projeto educativo do Agrupamento assenta em diversos princípios que importa explicitar: a escola inclusiva, a escola multicultural, o combate ao insucesso escolar, a educação para a cidadania, a articulação entre os 6 diversos ciclos de ensino do agrupamento, a escola aberta e a utilização das tecnologias de comunicação e informação como veículo motivador da aprendizagem.

A escola inclusiva procura não só integrar alunos de diferentes origens geográficas, socioeconómicas e culturais, mas, também, alunos com diferentes capacidades e ritmos de aprendizagem e, por conseguinte, diferentes percursos escolares. Assentando num princípio de compromisso, insiste-se na ideia de que, na ação escolar, deve prevalecer uma atitude de fazer bem, num clima de cooperação e entendimento, em detrimento do individualismo que, tantas vezes, apenas serve para criar instabilidade. A diversificação das ofertas formativas

(como os cursos profissionais e os cursos vocacionais) constitui um paradigma deste princípio.

A escola multicultural procura enfatizar as diferenças e a capacidade de acolher outras culturas. A escola perante este fenómeno, é desafiada a repensar estratégias para acolher estes alunos, que, na maior parte das vezes, só dominam a língua do seu país de origem. Tais estratégias terão como objetivo a integração destes alunos na comunidade escolar, para que adquiram as aptidões necessárias para se realizarem na sociedade que os acolhe sem perderem as suas origens. Devem, pois, desenvolver-se novas iniciativas e projetos ao nível da multiculturalidade assente na partilha de diferentes aspetos culturais entre alunos estrangeiros e a restante comunidade escolar.

O combate ao insucesso escolar constitui o corolário de projetos anteriores e que, em parte, já obtiveram bons resultados, dados os níveis de sucesso obtidos e a diminuição conseguida nos níveis de retenção e abandono obtidos na maioria dos ciclos de ensino. Todos os projetos ou ações que visem, direta ou indiretamente, o combate ao insucesso, devem ter em conta a participação da comunidade escolar no sentido de resolver este flagelo. Neste quadro de referência promover o diálogo entre o aluno, o encarregado de educação e o professor titular de turma/ diretor de turma torna-se essencial no estabelecimento de algumas estratégias para superar as dificuldades diagnosticadas; ademais, é este espírito de entreajuda e compromisso que reforça a importância que a escola atribui à participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.

A articulação entre todos os estabelecimentos de ensino e concomitantemente entre os diferentes ciclos é fundamental para o bom funcionamento. O posicionamento estratégico para que esta articulação seja operacionalizada da melhor forma, constitui um desafio ímpar à organização educativa desde agrupamento e envolve uma quantidade significativa de recursos, quer materiais quer imateriais. Estas ações devem ser tão pragmáticas quanto eficazes e serão, em parte, propostas por equipas de trabalho/órgãos de gestão que, dentro dos seus objetivos e âmbito de atuação, perspetivarão a articulação entre os diversos ciclos de ensino dos estabelecimentos do agrupamento.

Por outro lado, deveremos caminhar no sentido de construir uma escola aberta à comunidade envolvente e a uma crescente colaboração com os pais e encarregados de educação dos nossos alunos, criando oportunidades para uma maior participação e envolvimento destes, na vida da escola. Como projeto dinâmico, propõe-se mobilizar continuamente a comunidade em volta de um projeto educativo assumido por todos.

Enquanto instrumento dinamizador de atitudes e de processos educativos, simultaneamente impulsionador de mudanças e de um aprofundamento qualitativo de vetores,

já em desenvolvimento, pretende-se, com o presente projeto educativo explicitar os principais objetivos estratégicos e operacionais do agrupamento.

Finalmente, o presente projeto educativo pretende promover a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação, na medida em que estes são uma mais-valia ao serviço do ensino na atualidade e constituem, um dos exemplos, dos recursos materiais, onde mais se investiu nos últimos anos. O aumento da utilização dos recursos tecnológicos, pelos professores e alunos, bem como a sua crescente aceitação em meio escolar, é uma oportunidade de futuro que não podemos descurar. Porém, o uso das «novas» tecnologias pode ser ainda mais explorado, já que a utilização dos recursos informáticos, tanto em sala de aula como em jeito de e-learning, constituem um fator essencial para a aprendizagem, tornando a dinâmica de ensino mais enriquecedora. A escola deve integrar cada vez mais os média e as novas tecnologias de Informação e comunicação no processo de ensino e de aprendizagem, possibilitando desta forma um conjunto de aprendizagens mais significativas.

No que se refere à capacidade de cooperação importa realçar a promoção de um clima de confiança e de cooperação entre os intervenientes no processo educativo, bem como a constituição de grupos de trabalho munidos de uma capacidade acrescida de adaptação aos desafios do futuro, com responsabilidade e espírito de iniciativa conducentes à excelência do ensino. A escola constitui a outra estrutura organizativa da sociedade, onde a criança e o adolescente têm a oportunidade de se educar e formar e onde se encontram e convivem com os outros, ou seja, com aqueles que desconhecem e com quem vão passar a viver em conjunto, no seio da sociedade a que pertencem.

Esta instituição tem como missão promover a prestação de um serviço educativo de qualidade, potenciando o desenvolvimento dos alunos nas suas diversas dimensões, procurando, ao mesmo tempo, ser uma referência nos domínios económico, social e cultural em diferentes escalas territoriais (concelho de Santarém, Lezíria do Tejo, Portugal e União Europeia).

A visão de uma instituição refere-se a uma ambição, um ideal, um estado que a instituição pretende alcançar a médio e longo prazo e que constitui um fator de mobilização. A formulação da visão pressupõe a capacidade de antecipação de um estado futuro, isto é, a existência de uma visão prospetiva. A visão procura orientar a concretização da missão da instituição, procurando estimular o progresso entre a situação atual e o futuro desejado.

Para a consubstanciação da missão e visão do agrupamento importa considerar os princípios anteriormente referidos (escola inclusiva, escola multicultural, combate ao insucesso escolar, articulação entre ciclos, escola aberta e promoção das TIC), bem como os valores identitários (cultura de rigor e exigência, capacidade de liderança, de cooperação e promoção da educação para a cidadania).

A missão de uma instituição refere-se aos seus propósitos, à razão da sua existência, à sua razão de ser, ao que legitima a sua função na sociedade. A formulação da missão fundamenta-se num conjunto de princípios, que são próprios da instituição, que traduzem a sua cultura e lhe conferem a sua identidade própria.

Trata-se, pois, de uma missão que assume os princípios e valores da escola pública e que procuram dotar todos os cidadãos das competências e conhecimentos que lhes permitam explorar plenamente as suas capacidades, ao mesmo tempo que se procura promover o papel da escola na vida económica, social e cultural da cidade, concelho e região em que está inserida.

A sala onde decorreu este período de estágio é constituído por vinte crianças, das quais oito são meninos e doze meninas, com idades compreendidas entre os seis e os nove anos. Segundo Piaget (1979) estas crianças encontram-se no estágio das operações concretas, onde as crianças acabam por já conseguir ver o mundo de uma forma mais lógica e adulta. No entanto, parece-nos que ainda estão na fase de transição entre o estágio pré-operatório porque são muito egocêntricas. Todas as crianças residem em Santarém e são de nacionalidade portuguesa, uma criança é de etnia cigana e duas possuem NEE.

A título de curiosidade, sete crianças não têm irmãos, duas têm dois irmãos e oito têm um e duas têm mais de três.

São crianças ativas, comunicativas e curiosas, percebemos isso porque quando não percebiam algo estavam constantemente a questionar. Bruner (1999) afirmava que a curiosidade é essencial e faz parte dos motivos intrínsecos das crianças. A maior dificuldade e necessidade deste grupo era respeitar as diferenças dos outros, identificámos esta dificuldade por exemplo quando uma menina disse: “o menino L não porque ele é deficiente.”

As atividades preferidas deste grupo estão voltadas para as expressões, gostam de atividades práticas que impliquem criatividade, movimento, som e novas descobertas. Contudo, a docente não recorria a atividades práticas mas sim ao manual. Na nossa opinião, este grupo precisava que lhes fossem apresentados os conteúdos de uma forma mais lúdica, o que fizemos algumas vezes e notámos que estavam mais entusiasmados e que aprendiam verdadeiramente envolvendo-se mais.

No período de observação reparámos que a turma demonstrava dificuldades em partilhar e não se respeitavam uns aos outros, no que diz respeito às diferenças de cada um e às suas individualidades. Este projeto surgiu depois de uma situação que aconteceu durante uma aula, uma das alunas disse:” o L não, porque o L é deficiente”. Achando que seria um tema importante a ser trabalhado, conseqüentemente elaborou-se uma planificação assentando nos objetivos: respeitar a diferença e a individualidade; saber partilhar; valorizar

a amizade; conhecer direitos e deveres e desenvolver a criatividade tentando sempre interligar com as seguintes áreas de português, formação pessoal e social, matemática, estudo do meio, expressão plástica, dramática e musical utilizando estratégias como a realização de trabalho em grupos e pares, incluir diferentes áreas de conteúdo, o equilíbrio entre a teoria e a prática e recorrer a objetos do quotidiano para a realização deste projeto.

Assim, este projeto iniciou-se relembrando a importância dos relacionamentos através de conversas em grande grupo e atividade prática, em conjunto conheceu-se os conteúdos já adquiridos pelas crianças e partir dos interesses e necessidades das mesmas. Destacam-se atividades realizadas ao longo deste percurso como a elaboração de um retrato de um colega⁵ aleatoriamente selecionado em que cada criança no final apresentou há turma em conjunto e expôs características do mesmo dizendo qualidades e defeitos. Foi ainda realizado um jogo em grande grupo onde uma criança aleatoriamente ia ao centro de um círculo que as crianças formaram dando as mãos e esta teria de olhos vendados através do tato identificar um colega⁶.

A sala onde o projeto foi implementado era ampla, com as mesas e cadeiras necessárias para todos os alunos, professora e professoras-estagiárias. Contém um quadro interativo com projetor e um quadro de giz. Existe apenas 1 computador na sala para apoio ao quadro interativo e projetor. Na sala, há também um armário para guardar materiais e dossier e uma estante onde os alunos guardam os manuais. Numa das paredes da sala podemos encontrar quadros de cortiça para a exposição de trabalhos.

O grupo de crianças do presente estágio frequentava o 1.º ano e é constituída por 20 alunos com idades entre as 6 e os 9 anos, onde 8 alunos são do sexo masculino e 12 alunos do sexo feminino. Nesta turma existe 1 aluno de etnia cigana, uma aluna diabética e ainda dois alunos a serem acompanhados pela equipa de educação especial.

Durante o estágio foi facultado o Plano de turma que foi implementado na turma. Este apresenta as necessidades dos alunos, os pontos fortes e fracos, as principais características familiares e os aspetos mais fundamentais sobre os alunos.

Através deste plano de turma, foi possível apurar quais são os pontos onde nos deveríamos focar dando assim continuidade ao trabalho desenvolvido pela professora cooperante que abrange todas as áreas curriculares e se foca nas prioridades que identificou.

Considera-se a uma boa integração na comunidade escolar, sentindo-me bem-recebida por todos os professores e restante comunidade escolar, colocaram-me sempre muito à vontade e mostraram-se ao dispor para o que fosse preciso. Senti então que tive apoio não só da minha colega de estágio, como também da professora supervisora, da professora

⁵ Anexo 5 – Planificação “Retrato”

⁶ Anexo 6 – Planificação “Identificação do colega”

cooperante e de todas as restantes funcionárias da escola. Demonstrei de igual forma que poderia ajudar no que fosse necessário. Todos estes intervenientes me ajudaram a progredir durante o meu estágio, pois sempre que tive dúvidas recorri a estes de forma a melhorar a minha prestação.

A relação com a minha colega foi bastante enriquecedora no sentido de trabalhar em conjunto, realizando as planificações e durante a realização das atividades onde interagimos sem muitas dificuldades.

A minha observação e intervenção penso que ter sido bastante positiva, pois dou sempre atenção a todos os alunos e tento respeitar ao máximo o tempo que cada um necessita para desenvolver o seu trabalho, ajudando-os sempre que necessitam. Considero ainda que os alunos conseguiram interiorizar as aprendizagens esperadas, ou seja, que consegui inculcar-lhes os conhecimentos que tentei transmitir às crianças.

Considero que a área onde me foi mais fácil de intervir foi no Estudo do Meio e nas Expressões, pois acho que são as áreas onde os conteúdos são mais fáceis de inculcar. Esta área é então onde me sinto mais segura quanto ao nível científico e onde é para mim mais fácil de criar atividades dinâmicas e mais interessantes por parte dos alunos. Considero então que esta área foi onde as atividades que implementei me correram melhor. Porém, considero que a área onde por vezes tenho mais receio de intervir é na Matemática e Português pois tenho sempre receio de não conseguir demonstrar os conhecimentos da melhor forma.

Quanto à minha adaptação ao estágio e aos alunos penso que correu bem, pois consegui-me integrar bem na dinâmica da turma. A relação com os alunos e com a professora tem sido boa, pois tenho conseguido interagir com ambos da melhor forma.

Quanto à minha intervenção, aprendi então, que cada aluno tem o seu ritmo de trabalho, que numa turma à sempre uns alunos com um ritmo mais rápido do que os outros e que é preciso arranjar estratégias para que todos estejam a trabalhar, não havendo então alunos parados, pois isto faz com que alguns alunos percam o interesse pela atividade que se está a desenvolver. Aprendi também que é importante circular pela sala enquanto estamos a implementar uma atividade, pois ao estar sempre lá à frente nem sempre temos a perceção que alguns dos alunos não estão a participar nem a prestar atenção. De igual forma, é importante ter uma boa conversa no início de cada atividade de modo a despertar o interesse de cada aluno.

Senti mais dificuldade durante a minha intervenção onde por vezes não captava a atenção dos alunos da forma esperada, para isto tentei ultrapassar, falando mais com eles no início e durante cada atividade. Considero que quando explicamos bem e os fazemos interagir que estes se interessam mais, ainda mais sendo esta turma, uma turma muito participativa.

Outra dificuldade que tive foi na correção dos exercícios, pois por vezes não sabia bem que método adotar, visto que, havia sempre alunos a querer responder, mas havia outros que nunca queriam se eu não lhes perguntasse. A estratégia que então considerei que melhor se adequava era então fazer os exercícios em conjunto e todos corrigiam ao mesmo tempo, pois assim conseguia que todos estivessem atentos à correção e que alguns alunos menos participativos respondessem.

Já nos pontos fortes, considero que consegui dinamizar bem as aulas e despertar o interesse dos alunos para as atividades que estava a desenvolver. Porém considero que poderia melhorar a minha prestação preparando-me melhor para dar as aulas e tentando arranjar outras estratégias de dinamização.

Durante as semanas de estágio considero que a minha prestação tem sido positiva, na medida em que me consegui integrar da melhor forma na dinâmica do grupo de alunos e considero que tenho conseguido inculcar os conhecimentos pretendidos. Porém há ainda uma dificuldade que vou tentar ultrapassar que é quando estou a dar uma aula prendo-me muito à parte da frente da sala, ou seja junto ao quadro e acho que para interagir melhor com os alunos devo passar a circular mais pela sala.

Quanto a minha intervenção nas atividades, considero que não tive muitas dificuldades na implementação destas, ainda que por vezes controlar um grupo de 20 alunos não seja fácil. Há que saber meter respeito sem ser demasiado rígida e a chegada de pessoas novas à turma nem sempre é fácil para os alunos pois é normal que queiram tentar “testar” quem chega de novo.

Nestas semanas não me surgiram questões que precisem de aprofundamento, pois todas as que foram surgindo nestas semanas tentei sempre junto da professora cooperante obter as respostas para as mesmas e deste modo consegui responder, não necessitando assim de as aprofundar.

O meu desempenho no estágio foi positivo, pois acho que consegui motivar grupo de alunos da melhor maneira, conseguindo que estes realizassem as atividades e aprendessem os novos conteúdos propostos, mesmo que por vezes seja complicado mantê-los atentos.

A minha relação com os alunos foi uma relação de confiança, afetividade, partilha de conhecimentos e respeito. Concluindo, criei nestas semanas de estágio uma boa relação com os alunos. Também a minha relação com a comunidade educativa é uma relação de respeito e partilha de experiências.

Ao planificar a minha intervenção pedagógico-didática senti dificuldade na gestão do tempo que tinha para fazer as atividades, ou seja, não sabia se o que estava a planificar era excessivo para o tempo que tinha para o mesmo, ou por outro lado se o que tinha era pouco

para o tempo previsto. Para isto tentei então ter sempre exercícios que pudesse implementar caso necessário.

Com as planificações que elaborei, em conjunto com a minha colega, percebi que uma planificação tem de ser bem estruturada e explícita, não só para o caso de poder de ter de ser outra pessoa a dar a aula com a minha planificação, mas principalmente para meu auxílio e para projetar bem como irei dar a minha aula.

Considero que preciso de melhorar as minhas planificações no que diz respeito às estratégias que irei utilizar, pois isso irá então ajudar-me a projetar melhor como irão ser as minhas aulas.

Por fim, a avaliação é um tema que me custa um pouco, pois não sei se os instrumentos que escolho para avaliação se são suficientes ou não para perceber se consegui cumprir os objetivos definidos.

1.4. Prática em contexto de 1.º Ciclo – 3.ºano

Como último estágio ao longo deste percurso de mestrado realizei o mesmo na Escola Básica do 1º Ciclo e Jardim de Infância (EB1/JI).

A população do bairro em questão, tem à disposição zonas habitacionais de renda económica, como por exemplo, as de Serviços Sociais da Polícia de Segurança Pública e as da Cooperativa de Habitação para Jovens; edifícios de qualidade média a superior e uma enorme área com vivendas, e ainda cafés, restaurantes, lojas de roupa, cabeleireiros, farmácias, centro de saúde, hospital, instituições bancárias, hotéis, escolas, imobiliárias, correios, entre outras.

O presente estabelecimento educacional aceita crianças com idades compreendidas entre os três e os 14 anos, abarcando atualmente um total de 187 alunos – repartidos entre as valências de ensino pré-escolar e de ensino primário. O corpo docente apresenta-se estruturado segundo as suas especificidades e é composto por duas educadoras de infância, 6 professores do 1º Ciclo, dois professores especializados em Necessidades Educativas Especiais e três professores de Apoio Educativo, sendo somente um deles de apoio à coordenação. No que concerne ao funcionamento extra docente, é sentida a presença de 9 assistentes operacionais.

No que diz respeito a aspetos físicos e materiais da instituição, a mesma, encontra-se com uma ótima organização. Estamos perante um edifício de dois pisos, ligados entre si por uma escadaria principal e ligados às diversas divisões por corredores.

No 1º Piso podemos encontrar a entrada principal, onde se localizam as duas funcionárias; a maior parte das salas de aulas; sala dos professores; duas salas, onde uma é direcionada para a multideficiência, e outra servem como sala de apoio; o ginásio; a biblioteca e, por fim, algumas casas de banho (três para os alunos, sendo uma delas adaptada para crianças com Necessidades Educativas Especiais, e uma para os adultos).

No rés-do-chão podemos encontrar duas salas de jardim de infância, duas salas de aula, o polivalente, o recreio, o refeitório, a sala dos funcionários e algumas casas de banho (três para os alunos, sendo uma adaptada para crianças com NEE, e uma para adultos).

Estamos perante um edifício adequado às condições de todas as crianças, pois também possui um sistema de sinais no teto, direcionado aos alunos surdos, com o intuito de avisar as crianças do toque de entrada e saída.

O Projeto Educativo do agrupamento pretende promover uma educação para todos, ou seja, uma educação que assente no respeito pela diversidade, existindo, em simultâneo, uma articulação entre os diferentes níveis de ensino.

Desta forma, é ambicionado progredir na eficácia da resposta educativa para problemas que surjam devido aos diferentes contextos escolares, com o intuito de que todos os alunos consigam aprender mais e melhor, seguindo os princípios gerais nacionais e os deliberados pelo agrupamento, sem desvalorizar, contudo, o papel transformador da escola acerca dos valores universais e humanistas.

A escola possui um projeto curricular, onde constam as linhas orientadoras para a prática pedagógica e letiva dos professores do agrupamento, apresentando assim opções de ensino-aprendizagem de acordo com as necessidades individuais dos alunos e da turma. Todas as atividades educativas encontram-se de acordo com as orientações curriculares nacionais e as definidas pela escola, garantindo a sequencialidade, a duração das mesmas, as estratégias, as atividades e as metodologias mais adequadas de implementação.

A turma é constituída por 20 alunos, onze raparigas e nove rapazes, com idades compreendidas entre 10 anos e os 12 de idade.

No 3.º ano de escolaridade não se verificam alunos repetentes, no entanto, há nove que registam retenção no 2.º ano de escolaridade dentro dos quais dois ficaram retidos 2 anos. Dos vinte alunos todos usufruem do almoço escolar, à exceção de um aluno que nunca almoça na escola e dois que apenas almoçam às 3.º e 6.º feiras. Apenas dezassete alunos bebem leite escolar, os restantes são intolerantes à lactose. Quinzenalmente os alunos fazem flúor estando devidamente autorizados para efetuar o bochecho. Dos vinte alunos 16 frequentam as AEC's, os restantes saem às dezasseis horas. Estes têm ainda

quinzenalmente oficina de prevenção durante o horário letivo das 9:30h às 10:30h e vão uma vez por mês à Ludoteca.

A turma é composta por um aluno de origem romena, dois moldavos, dois lusocanadianos e cinco de alunos de etnia cigana, para além de ter cinco alunos referenciados na CPCJ.

O grupo de alunos muitas vezes tinha comportamentos impertinentes na sala de aula como (brigas, descalçarem-se, levantarem-se sem autorização) e demonstravam pouca motivação e entusiasmo durante as aulas surgindo comportamentos como desatenção, no entanto nenhum dos alunos demonstrava falta de educação e desrespeito pelos professores apesar de muitas vezes ultrapassarem as regras e condutas em sala de aula testando assim o professor. Com a professora titular de turma estes comportamentos não eram sempre visíveis apesar de acontecerem, mas com os outros professores como inglês, música e de AEC's estes não tinham uma postura tão acertada tentando sempre comportamentos desestabilizadores e onde conseqüentemente eram repreendidos, chegando muitas vezes a que estes professores fossem comunicar o sucedido à professora responsável pela turma.

Em resposta aos comportamentos acima referidos no tópico de caracterização da turma, observados ao longo da primeira semana de estágio, surgiu a emergência de planificar e organizar um plano de aulas que despertasse a curiosidade pelo conhecimento, bem como a motivação para a aquisição de novos conhecimentos.

Assim, procurou-se investigar como se poderia tornar as aulas mais práticas, seguindo sempre o plano base das aulas da professora titular e utilizando as mesmas estratégias, realizando o início da aula tratando os conteúdos através do manual, como era habitual, mas durante este projeto modificar um pouco a finalização de cada conteúdo acabando a aquisição destes com um atividade prática onde se espera que para além do grupo estar mais envolvido, seja uma aula mais participativa e não tão centrada no professor e no manual. As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos (Lunetta, 1991).

O docente pode utilizar diferentes recursos, com o objetivo de tornar o conteúdo teórico mais interessante, motivador e próximo da realidade. O uso de apresentações de slides, vídeos, debates, feiras, atividades práticas, entre outros, procura tornar mais fácil o aprendizado e compreensão dos conteúdos programáticos. No 1.º Ciclo do Ensino Básico as saídas de estudos e as aulas práticas em laboratórios, bem como todas as atividades que permitem ao aluno manipular e experienciar, permitindo ao aluno experimentar situações problematizadas e vivenciar a teoria trabalhada em sala de aula.

No entanto, é importante não desvalorizar a teoria de aprendizagem construtivista de Vygostsky e Piaget, onde esta salienta que os conhecimentos prévios dos alunos devem ser valorizados, pois são importantes na construção de estruturas mentais.

Neste trabalho abordam-se aspetos educacionais, propondo atividades práticas com as diferentes áreas de conteúdo, que possam contribuir para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem enfatizando a importância da aula prática, sendo que a mesma pode servir como um meio de facilitar o entendimento de conceitos e conhecimento.

Esta intervenção de estágio insere-se numa abordagem qualitativa com metodologia próxima da investigação-ação, tendo como objetivo apresentar, interpretar e analisar todo o processo de construção do projeto “Aprender a fazer”, a dinamização e utilização do espaço e dos seus materiais. Os dados foram recolhidos através de registo fotográfico, observação participante, notas de campo, produções dos alunos e análise de documentos.

Entende-se que cada aluno terá um ritmo de evolução diferente e por esses mesmos motivos este projeto inicia-se sempre com um levantamento prévio dos conhecimentos já interiorizados pelos alunos e só posteriormente apresentam-se os conteúdos a trabalhar bem como as estratégias a serem desenvolvidas, no final a realização das atividades ou tarefas são avaliadas através dos instrumentos já descritos.

A análise dos resultados obtidos permite compreender que a implementação do projeto e o uso de atividades práticas permitiram o desenvolvimento do trabalho autónomo como um promotor da diferenciação pedagógica dentro da sala de aula, assim como uma forma de os alunos poderem regular as suas próprias aprendizagens. Além disto, mostra ainda o papel relevante da reflexão, visto que o grupo debatia os conteúdos trabalhados após as atividades tendo um impacto fundamental em termos de aprendizagem.

Durante a primeira semana de estágio consegui observar os comportamentos e reações dos alunos em sala de aula, percebendo que existem alunos desestabilizadores, no sentido em que não mostram qualquer entusiasmo ou motivação por aprender e por isso não se concentram, e assim a professora tenta manter a maior concentração possível fazendo atividades motivadoras para que os conteúdos estabelecidos no programa consigam ser lecionados.

Este grupo de crianças diferencia-se pelas suas origens, no sentido em que cinco alunos são de etnia cigana, um de origem romena, dois moldavos, dois luso-canadianos, mas todos falam português.

É notável uma falta de acompanhamento por parte dos pais na maior parte dos casos, sendo que a professora responsável comunica aos pais que devem ir buscar as avaliações do 2º período dos seus educandos. Tive a oportunidade de presenciar uma reunião de entrega

dessas mesmas avaliações e constatei que um encarregado de educação não sabia o ano que frequentava o seu educando, assim é observável a falta de interesse na vida escolar dos seus educandos em que muitos encarregados de educação, permitindo que os alunos faltem sem qualquer tipo de justificação, mesmo em dias de realização de testes e só metade da turma tem por hábito realizar os trabalhos de casa. Constatei assim, que muitos dos comportamentos que observei ao longo deste estágio por parte das crianças, no que diz respeito ao desinteresse escolar e valores que não estão ainda vinculados e adquiridos, refletem-se na maioria dos casos pela educação que recebem em casa. Segundo Clerget e Costa-Prades (2008) dizem-nos que a família é o primeiro lugar onde aprendemos a cumprir regras. Opinião partilhada por Brazelton (2010) que acrescenta ainda que a maioria dos pais não tem consciência de lhes estarem a ensinar regras e boas maneiras.

Neste sentido, espera-se com a realização deste estágio que para além de ensinar os conteúdos programáticos ao grupo, consiga ainda explorar o maior número de valores e regras acertadas para viver em sociedade, de forma a que as crianças percebam a importância de respeitar o outro. É importante assim salientar que a disciplina ajuda a criança no desenvolvimento das suas capacidades. Segundo Brazelton e Sparrow (2010) a criança conquista determinados conceitos como o autocontrolo, o reconhecimento dos seus sentimentos e daquilo que lhes está subjacente, a perceção dos sentimentos dos outros, o desenvolvimento de um sentido de justiça e a motivação para se comportar de forma justa e o altruísmo.

Durante a minha primeira semana de intervenção senti um grande apoio por parte da turma, que mostraram entusiasmo ao receberem-me e tomarem conhecimento que teriam uma professora diferente a dirigir as aulas. No entanto senti alguma dificuldade em manter um bom ambiente em sala de aula, conforme observei durante a primeira semana o comportamento da turma com a professora responsável ou com outros professores responsáveis por outras disciplinas era muitas vezes inadequado. Percebendo que a turma só assume um comportamento mais correto no que diz respeito a concentração, organização e respeito apenas com a professora responsável da turma, sendo as aulas com outros professores menos coerentes e onde os alunos procuram sempre ver os limites do professor.

Ao longo do estágio procurei impor sempre perante a turma uma postura organizada, firme e respeitadora aos alunos, para que conseqüentemente estes observassem que poderia ser uma pessoa na qual se poderiam apoiar e procurar em todas as suas dificuldades tanto académicas como pessoais, mas tentando sempre manter algum distanciamento para que estes soubessem respeitar-me e reconhecerem o meu lugar enquanto professora/estagiária.

Com este percurso identifiquei-me com algumas dificuldades no que diz respeito à realização de planificações detalhadas a serem implementadas com o grupo, tentando

sempre corrigir as mesmas para que estas correspondessem à prática em sala de aula. Assim como, a elaboração de instrumentos de avaliação tanto comportamentais como de aquisição de conhecimentos. Este foi o meu primeiro estágio individual e senti algumas dificuldades nos aspetos acima referidos bem como outros, tentando sempre dar apoio à turma em geral percorrendo muitas vezes a sala observando se os alunos realizavam as tarefas e apoiando nas suas dificuldades.

Ao longo da minha intervenção deparei-me ainda com obstáculos como o facto de os alunos esperarem pela correção dos exercícios, recusando-se a fazê-los e muitas vezes copiando pelo colega do lado. Percebendo assim, que copiar é comum nos alunos quando estes não percebem como se realiza os exercícios ou quando os mesmos apresentam uma dificuldade superior a que o aluno consegue fazer. E assim, procurei esclarecer algumas questões relacionadas com estes comportamentos percebendo que não acontece por malícia por parte do aluno, mas sim por não querer esforçar-se ou achar que não consegue executá-los.

Se ao confrontar a criança com a realidade desta ter agido erradamente, formos muito rígidos ou tentarmos castigar a criança esta pode começar a mentir dizendo que não o fez.

Para se impor, as crianças, têm tendência a desrespeitar os pais, uma maneira de estas se imporem e terem independência sobre as suas ações. Por outro lado, as crianças podem-se tornar rebeldes por terem demasiado poder, sequiosas de limites e regras achando assim, que tem todo o controlo sobre as suas ações (Cf. Thomas Brazelton, Joshua Sparrow, op. cit., p. 91).

Os pais e professores deveram mostrar as crianças as consequências que os seus atos podem ter e o benefício se estas obedecerem às regras impostas. As recompensas funcionam melhor que os castigos. Quando uma criança tem de fazer alguma coisa não devemos dizer-lhe que terá outra em troca. Porque caso isto aconteça, quando a criança não tiver uma recompensa não quererá fazê-lo.

Assim, procurava ao longo da intervenção elogiar e recompensar o aluno que tomasse atitudes participativas e acertadas, sendo que o aluno que não o fizesse em vez de castigos era apenas repreendido e percebera que ficara em desvantagem do aluno que agir de forma respeitadora e acertada.

Durante as semanas de intervenção procurei sempre que possível colocar o projeto apresentado neste portefólio em prática, percebendo que o envolvimento dos alunos e participação em atividades práticas era superior ao habitual, o grupo mostrava-se sempre recetivo às informações sobre os conteúdos programáticos tratados durante as atividades e

realizando no final sempre um balanço das aprendizagens adquiridas. Neste sentido, reflito que o projeto foi exequível e muito benéfico nas aprendizagens de cada aluno.

Apesar de constatar algumas dificuldades na execução do mesmo muitas vezes alterando as estratégias, com a implementação da minha primeira aula em trabalho de grupos percebi que os alunos não o faziam frequentemente e por isso considero que não foi totalmente bem planeada, derivado aos comportamentos dos alunos de distração com os materiais facultados e não respeitando os passos da tarefa, onde compreendi que não poderia logo usar esta estratégia e que assim não conseguiria a organização e atenção do grupo de crianças.

Assim, procurei organizar as planificações com atividades em grupo⁷, mas inicialmente centradas no professor onde os materiais só eram distribuídos em cada passo a executar durante a atividade e onde estes só eram distribuídos após a explicação da mesma, seguindo atividades onde os materiais eram distribuídos todos pelos grupos no início da atividade e posteriormente eram apresentados os passos para a realização da tarefa um a um, e realizando a mesmo passo por passo. Por último, realizei uma planificação onde dividi a turma por grupos, disponibilizei todo o material a cada grupo para a concretização da tarefa assim como o guião orientador da atividade e após uma apresentação oral por mim, cada grupo realizou a atividade.

Este processo apresentou significados positivos no que diz respeito ao trabalhar em grupo dentro da turma, apesar de ser uma estratégia que foi implementada em pouco tempo foi clara a evolução do grupo, apresentando já na última tarefa um sentido de responsabilidade e organização perante a atividade preservando os materiais e mostrando-se atentos às indicações para a execução da mesma.

A realização deste estágio foi-me bastante enriquecedora visto que no meu projeto final pretendo falar sobre o que são regras sociais, as regras sociais dentro e fora da sala de aula, a capacidade das crianças aprenderem regras e a aptidão para o seu cumprimento conforme o espaço envolvente e ambiciono ainda salientar no meu trabalho o porquê de não respeitarem as regras impostas e as razões para que isso aconteça.

Noto que este projeto tem sido demorado, visto querer tratar do assunto com um grande conhecimento pelo mesmo antes de realizar uma recolha dados como entrevistas, questionários entre outros. Procurando fazer leituras que suportem este projeto tal como a sua pesquisa.

⁷ Anexo 7 - Planificação de atividades em grupo

2. Percurso Investigativo

Segundo Brazelton e Sparrow, o primeiro presente que os pais podem dar aos seus filhos é o amor. O segundo presente só poderá ser a disciplina, pois a criança sente-se segura quando tem limites. Um pai ao impor disciplina ao seu filho só demonstra que lhe quer bem e que se preocupa com ele.

Em qualquer sociedade a disciplina é um dos valores mais importantes, assim sendo os primeiros anos da criança serão fundamentais na aprendizagem e na interiorização das regras da nossa sociedade. As crianças passam a maior parte do seu dia no Jardim de Infância, por isso é crucial que a aprendizagem comece lá.

A disciplina tem de ser adaptada a cada criança, mas existem regras que são fixas para todas as crianças como as regras de sala de aula.

A vida em sociedade é gerida por cada um de nós. Assim sendo temos de saber comportar-nos e viver adequadamente, não nos fazendo sobressair pela negativa aos olhos dos outros cidadãos. Ao longo da nossa vida comportamo-nos da maneira que achamos correta e as regras para nós já estão interiorizadas. Para agir corretamente eu não teria de pensar no que fazer mais que uma vez. As regras são valores que nos foram transmitidos pelos nossos familiares amigos e pelos nossos educadores ao longo da nossa vida, fomos aperfeiçoando os nossos valores dia após dia e aprendendo sempre com experiências e conselhos sábios que nos foram transmitidos.

Cientes de que as crianças quando veem ao mundo não estão preparadas para se comportarem como os adultos, terão de lhes ser explicadas as normas de conduta da sociedade. Existe uma colossal consideração que as regras sejam ensinadas de uma maneira correta logo desde a primeira vez para que as crianças não fiquem confusas, mas sim cientes do que é correto. Desta forma demonstro a importância de que este tema seja abordado na sala de Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Mas este é apenas um dos lados da moeda, ou seja, para além da reconhecida importância da socialização primária e do papel fundamental da família e da escola enquanto agentes de desenvolvimento social, torna-se importante refletir sobre a natureza exterior, relativa e coercitiva das regras sociais. A sociedade, ao mesmo tempo que nos impõe regras, também tem mecanismos de controlo social que podem assumir um modelo funcional com um maior ou menor grau de formalidade. Esses mecanismos não são imutáveis, estão em constante mudança, e exigem das pessoas, em particular das crianças, um constante e rápido esforço de adaptação. Nenhuma sociedade é estática, as sociedades estão sempre em mudança, o ritmo dessa mudança é que é variável. Nessa medida, é extremamente relevante

que possa existir uma correspondência entre a evolução social e as regras que são aplicadas, o que muitas vezes não acontece.

Ao longo do meu percurso com as vivências dos quatro estágios em diferentes áreas de educação foi-me possível observar situações frustradoras enquanto profissional de educação, no que diz respeito à desobediência em sala de aula e por isso senti a emergência de explorar a desobediência infantil de forma a justificar e consolidar as minhas dúvidas sobre o tema.

Espero que a minha reflexão sobre estes temas possa dar um contributo para compreender melhor a relação entre a criança, a família e o exercício social da normalização do poder comportamental. A escolha deste tema procura, portanto, e em primeiro lugar, responder a uma necessidade de compreensão sobre o tema disciplina e posteriormente tratar um dos problemas subjacentes mais comuns a desobediência.

Por fim, o trabalho direto com crianças exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde os cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre a sua prática debatendo com os seus pares, dialogando com as famílias, a comunidade e procurando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. Enquanto, futura profissional de educação esta experiência foi-me bastante enriquecedora no sentido de alargar os conhecimentos na área de Jardim de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico onde a observação, o registo, o planeamento e a avaliação são instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta do professor com as crianças.

Capítulo II – Desenvolvimento das competências sociais da criança: desobediência.

1. Definição do problema

Como apresentado anteriormente, esta investigação tem como objetivo conhecer a opinião de profissionais de educação em pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico face à indisciplina na escola e em sala de aula.

Para responder ao objetivo do projeto foram delineadas as seguintes questões de investigação:

1. Existem diferenças no nível de desobediência:
 - a) Entre pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico
 - b) Na escola e na sala de aula
2. Conhecer o tipo de situações de desobediência e a sua frequência
 - a) Na escola
 - b) Na aula
3. Conhecer as principais causas para a desobediência na escola
4. As situações de desobediência mais frequentes
5. Conhecer os principais fatores que diminuem a desobediência

2. Fundamentação Teórica

2.1. A Criança

Segundo a Encyclopedia of Philosophy o conceito de criança tem sido alterado ao longo dos anos, devido ao desenvolvimento da nossa sociedade, e da mentalidade dos homens. Antigamente definia-se a criança como um adulto em miniatura.

Segundo a declaração dos Direitos da Criança “A criança deve ser protegida independentemente da raça, nacionalidade ou crença, deve ser auxiliada, respeitando-se a integridade da família e deve ser colocada em condições de se desenvolver de maneira normal, quer material, quer moral, quer espiritualmente.”.

2.2. A criança e a disciplina

Segundo o Dicionário Aurélio, disciplina significa: Regime de ordem imposta ou livremente consentida, Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.), Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor, Observância de preceitos ou normas, Submissão a um regulamento.

Como definição da palavra indisciplina, segundo também o Dicionário Aurélio, temos: Procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião.

Já Içami Tiba (1996) define disciplina como “conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito, ao bem-estar biopsicossocial”.

Segundo Schelbauer e Galera ao analisarmos as diversas definições de disciplina ou indisciplina percebemos uma gama de possibilidades, no entanto, elas têm em sua estrutura algo em comum: as palavras ordem, normas ou regras aparecem em todas as definições como sendo premissas para que ocorra a disciplina. Nesse contexto, temos de antemão a certeza de que sem ela (a disciplina), não é possível atingir objetivos dentro de uma organização.

O inculcar regras não nasce com as crianças, é durante a sua aprendizagem que estas vão adquirindo estes conhecimentos.

Clerget e Costa-Prades (2008) dizem-nos que a família é o primeiro lugar onde aprendemos a cumprir regras. Opinião partilhada por Brazelton (2010) que acrescenta ainda que a maioria dos pais não tem consciência de lhes estarem a ensinar regras e boas maneiras.

Os pais têm uma grande importância para os seus filhos pois são os seus modelos e as crianças tentam imitar os pais. Por outro lado, se as crianças não tiverem um exemplo a seguir não podemos esperar que elas respeitem determinadas regras ou que tenham atitudes corretas.

Clerget e Costa-Prades (2008) defendem que uma criança obedece sempre melhor, quando quer agradar aos pais e assemelhar-se a eles.

A disciplina ajuda a criança no desenvolvimento das suas capacidades. Segundo Brazelton e Sparrow (2010) a criança conquista determinados conceitos como o autocontrolo, o reconhecimento dos seus sentimentos e daquilo que lhes está subjacente, a perceção dos sentimentos dos outros, o desenvolvimento de um sentido de justiça e a motivação para se comportar de forma justa e o altruísmo.

Hoje em dia, com a evolução da sociedade cada comunidade e cada família delineiam as suas próprias regras.

Não só as crianças têm o dever de respeitar as regras, também os adultos têm, dando assim o exemplo as crianças que mais tarde se tornaram cidadãos ativos que por sua vez serão o modelo para outras novas crianças.

Muitas vezes para se fazerem ouvir, os pais, tendem a subir a voz começando assim a gritar, mas na verdade os gritos só revelam uma confissão de fraqueza.

A criança obediente não é aquela que aceita as regras sem as contestar ou perceber, mas sim aquela que as aceita porque compreende os seus princípios.

A disciplina é importante para que a criança tome a consciência de quando erra e para que possa consciencializar-se das regras e incuti-las desde pequena. Estas restrições devem proporcionar à criança que esta possa pedir perdão pelas suas atitudes.

Quando em alguma brincadeira, ou propositadamente a criança aleija outra devemos dar a oportunidade de que esta peça desculpa. O facto de a criança pedir desculpa irá permitir-lhe que perceba os sentimentos do outro e que ganhe respeito pelas outras pessoas.

2.3. A disciplina e as fases do desenvolvimento

Segundo Brazelton e Sparrow, durante o crescimento das crianças existem várias fases de desenvolvimento, nomeadamente ao longo desse crescimento podemos notar comportamentos característicos da idade. Quando a resposta do adulto a esses comportamentos é a irritação e o desapontamento as crianças assustam-se porque não compreendem o que fizeram de mal. A maior parte desses comportamentos existe porque a criança ainda está numa idade de Inocência e ainda não sabe o que não deve fazer.

Quatro a cinco meses:

Num bebé desta idade é comum que enquanto este está a mamar morda o mamilo da mãe. Como a criança é pequena e ainda não percebe se lhe for explicado a mãe deve afastar o bebé com firmeza cada vez que ele morder o mamilo para que ele perceba que não se pode fazer.

Oito a dez meses:

Os bebés ficam fascinados com o rosto, os olhos e o cabelo das mães por isso têm a tendência de agarrar, beliscar ou puxar. Quando a mãe reage só faz com que o bebé fique ainda mais fascinado. Se cada vez que o bebé tiver este tipo de comportamentos a mãe agarra-lo pelas mãos este vai começar a perceber que não pode fazê-lo.

Doze a Catorze meses:

A criança está na idade de experimentar. Não esquecendo que está ainda está muito presa ao tato, logo tudo o que faz tem que ser a base do sentir e experimentar. Assim, é normal que a criança tenha a tendência de morder ou de beliscar, como resposta devemos proceder como anteriormente já foi explicado.

Dezasseis a vinte e quatro meses:

Agora a criança deixa este tipo de comportamentos com a mãe e experimenta fazê-los com as outras crianças. Muitas vezes os comportamentos são fruto do stress da criança em não conhecer a outra. Quando acontece uma situação em que a criança morde a outra, deve ser dada atenção a criança mordida mas também a que mordeu. A que foi mordida precisa de conforto, mas a que mordeu também precisa que lhe seja explicado que isso faz doer e que não se deve fazer.

É aconselhado que os adultos tentem interferir o menos possível quando acontece este tipo de comportamentos, porque provavelmente durante uma briga a criança vai morder

a outra, sendo que essa em resposta vai morder a que lhe mordeu, assim ambas perceberão que faz doer. Nesta idade as crianças aprendem maioritariamente por experiência, pelo que vêem e sentem.

Dezoito e trinta meses:

No segundo e terceiro anos da vida surge uma necessidade de independência por parte das crianças, assim, estas têm a tendência de fazer birras e de ter mau comportamento nomeadamente violento negativo.

Quanto mais o adulto se envolver na birra, mais esta durará, assim, devem afastar-se e quando a criança estiver mais calma devemos aproximarmo-nos e explicar que não é com birras que a criança irá conseguir o que quer.

Três a seis anos:

Nesta idade as crianças começam a ter os seus pequenos ataques de fúria. Estas começam a atirar coisas ao chão e a partir objetos de forma a manifestarem o seu descontentamento sobre algo.

Os pais devem tentar conversar com a criança percebendo o que a levou a fazer aquilo, e mostrando que há outras maneiras de se resolverem os problemas. Dizendo que quando a mãe e o pai têm problemas também não andam pela casa a partir os brinquedos da criança.

2.4. Auto-estima

Segundo Brazelton, é muito importante que a criança tenha uma forte autoestima porque esta vai refletir-se nas suas ações. Para que a criança possa amar os outros esta tem de se amar a ela própria, porque se ela não se sentir bem consigo mesma não terá motivação suficiente para gostar dos outros.

A auto-estima é desenvolvida pelas próprias pessoas, mas estas têm sempre em consideração o que os outros acham dela, ou seja, para que a criança goste de si tem de se sentir amada, respeitada e acarinhada pelos pais.

Não podemos esquecer também que a criança nos primeiros anos de vida, vai para o jardim ou creche, dependendo da opinião da família de colocar o bebé mais cedo ou mais tarde na instituição. Este passo também é muito importante, porque há crianças que em parte se sentem abandonadas pelos pais quando estes as deixam nas instituições. Deve ser muito

bem explicado a criança quando esta tem idade para perceber de que os pais têm de trabalhar, mas que voltarão para vir buscar a criança, até que esta assuma isso por ela própria.

Por outro lado, não podemos elogiar em demasia, e criar assim uma auto-estima da criança muito elevada. Algumas crianças têm a tendência de testar os elogios feitos quando são em demasia pois parecem-lhes que não são possíveis serem realidade.

2.5. O que é a desobediência?

A desobediência é encarada como um desafio à autoridade dos adultos responsáveis pela criança, podendo criar problemas que se não forem tratados poderão mais tarde ter consequências.

Larroy e Puente (1997) cita Forehand e McMahon (1981) que nos diz que “pode-se definir a conduta de desobedecer como a recusa em iniciar ou completar uma ordem dada por outra pessoa num dado período de tempo (5, 10, 20 segundos, dependendo dos autores). Essa ordem pode ser no sentido de ‘fazer’ ou no sentido de ‘não fazer’, de suspender uma determinada atividade..

2.6. O porquê da desobediência

Cristina Larroy e Maria Puente referem que as primeiras pessoas com quem as crianças contactam, durante um período de tempo, após o nascimento são os pais, ou pessoas responsáveis por elas. Assim sendo, deve-se ter em conta que as crianças aprendem por imitação e que irão copiar todas as ações que essas pessoas fizerem. Aprende assim a andar, a comer, a beber, a vestir-se, etc..., tudo isto por observação dos outros. Também os seus comportamentos serão fruto do que esta observa no seu meio, ou seja, se os modelos da criança (pais) lhe pedirem para esta levantar o prato da mesa, mas um dos adultos não o faz será criada uma confusão na cabeça desta. Porque é que a criança haveria de fazer o que um adulto não faz? Os pais devem dar o exemplo para que as crianças se sintam bem a fazê-lo. Não podemos esperar que estas respeitem determinadas regras ou que tenham atitudes corretas se nunca tiveram um exemplo a seguir.

Segundo Stéphane Clerget e Costa-Prades, Bernadatte, na nossa sociedade existem regras que todo o correto cidadão deve respeitar. Também nas nossas casas temos regras mas estas são adequadas às próprias famílias, tendo cada uma as suas próprias regras estabelecidas. Quando é imposto a uma criança que respeite uma regra, esta não vai perceber

porque é que o correto é fazê-lo. Assim irá questionar o adulto. Quando o adulto responde à criança “Sim, porque sim”, não irá em nada responder à criança e esta ficará sem perceber e não quererá obedecer e cumprir a regra. Por outro lado, se os pais tiverem uma conversa séria com a criança e lhe explicarem que é o correto a fazer para que vivam todos mais confortáveis esta terá mais probabilidade de aceitar e de cumprir.

Durante o crescimento das crianças é comum os pais perguntarem-se “onde é que eu errei?”, especialmente quando existe um irmão ao qual os pais podem fazer comparação. Muitas vezes em conversas informais também comum ouvir-se expressões como: “é como o pai”, dando assim uma justificação hereditária.

Stéphane Clerget e Costa-Prades, Bernadatte referencia a rivalidade entre irmãos, ou familiares próximos que também pode ser considerado um fator para a desobediência. A criança para se fazer notar tem a tendência de fazer birras e comportamentos inadequados, estes são fruto da criança pensar que não é amada, ou que alguém é mais amado que ela.

Na infância a criança tem certas necessidades tais como: terem uma boa alimentação, um descanso suficiente e muito carinho. Estes aspetos são considerados pilares no crescimento do indivíduo. Assim sendo, os ritmos da criança têm de ser respeitados caso contrário poderão afetar o desenvolvimento da criança.

Para uma criança chamar a atenção de um adulto também poderá utilizar como meio os comportamentos inadequados, sendo assim, desobediente.

Os pais em resposta a estes tipos de comportamento não poderão ser benevolentes, mas também não se podem esquecer da sua infância. Faz parte da infância experimentar e desautorizar, o que é saudável, porque se fosse feito mais tarde teria consequências mais graves. Toda a criança tem a sua curiosidade em desafiar a voz do adulto. Quando a criança obedece por medo a quem lhe ordenou algo não é a melhor maneira de se resolver qualquer situação. A criança deve perceber o porquê de não poder fazer, para que da próxima vez se lembre da conversa e não tenha os mesmos comportamentos.

Thomas Brazelton e Joshua Sparrow refere que ao longo do tempo foram descritas situações que se consideram problemas de disciplina mais comuns entre as crianças da idade pré-escolar. Todas as crianças precisam de atenção, umas mais que outras, tendo assim a necessidade de a procurar. Uma maneira de chamar a atenção é chorar. A criança ao choramingar comunica principalmente nos primeiros meses de vida, sendo que não sabe falar. Por outro lado, pode também chorar para ter atenção ou alguma coisa que quer. Se esta perceber que ao chorar é uma maneira de receber aquilo que quer, esta terá sempre a inteligência de chorar cada vez que quiser obter alguma coisa. Quando a criança tem esses

comportamentos os pais não devem dar-lhe o que quer mas sim obrigá-la a pedir por palavras, estabelecendo uma conversa entre os pais e os filhos.

Segundo Brazelton, como mecanismos de defesa as crianças dão pontapés, arranham, batem e mordem. Muitas crianças não distinguem um beijo de uma mordidela. Quando pela primeira vez a criança morde outra, esta fica tão assustada como os próprios pais. Não é aconselhável fazer um grande pânico sobre o assunto para que a criança não seja rejeitada. Se o caso acontecer, e a criança for rejeitada, esta pode continuar com estes comportamentos (bater, morder, dar pontapés e arranhar) não por raiva ou por intenção, mas sim porque tem sobre ela uma grande tensão.

Quando uma criança é insegura e não tem confiança em si mesma esta sente-se mais poderosa maltratando os outros, pois sente que tem poder. As crianças que sentem prazer em maltratar as outras, escolhem os seus alvos tendo em conta aqueles que não iriam fazer frente às suas agressões. Esta criança deve sentir que é amada para que não tenha necessidade de maltratar os outros e tentar com que estes tenham uma noção do que esta sente.

. Thomas Brazelton e Joshua Sparrow refere que fazer batota é comum nas crianças quando estas não percebem como se joga ou quando o jogo tem uma dificuldade superior a que a criança consegue fazer. Não acontece por malícia por parte desta, mas sim por não querer perder. Se ao confrontar a criança com a realidade desta ter feito batota, formos muito rígidos ou tentarmos castigar a criança esta pode começar a mentir dizendo que não o fez.

Para se impor, as crianças, têm tendência a desrespeitar os pais, uma maneira de estas se imporem e terem independência sobre as suas ações. Por outro lado, as crianças podem-se tornar rebeldes por terem demasiado poder, sequiosas de limites e regras achando assim, que tem todo o controlo sobre as suas ações.

Os pais deveram mostrar as crianças as consequências que os seus atos podem ter e o benefício se estas obedecerem às regras impostas. As recompensas funcionam melhor que os castigos. Quando uma criança tem de fazer alguma coisa não devemos dizer-lhe que terá outra em troca. Porque caso isto aconteça, quando a criança não tiver uma recompensa não quererá faze-lo. Deve-lhes serem mostrados o lado bom de obedecer como por exemplo: “Quando acabares de limpar o quarto, podemos pendurar o teu quadro novo.”.

2.7. Descontentamento dos pais

Quando uma criança tem um comportamento violento, inadequado na situação em que está presente os pais ficam aborrecidos com eles e demonstram assim um descontentamento com a ação da criança.

Deparados com um comportamento impróprio da criança não adianta a resposta dos pais ser ficarem horas a argumentar sobre como não estão contentes com a atitude, mas sim eles próprios tomarem uma atitude em relação ao problema.

Segundo Stéphane Clerget e Costa-Prades a criança tem, na maioria das vezes, um desejo de agradar aos pais desde que lhe seja possível. Quando o responsável pela criança o reprende, este não deve referir-se a criança mas sim a sua conduta. Por exemplo: Não devemos dizer: “Tu dececionas-me”, mas sim: “O teu comportamento dececiona-me.

O sentimento de culpa pode ter duas vertentes no caso de comportamentos inadequados. Pode ter a vertente em que os pais se sentem culpados por administrar algum tipo de castigo aos filhos, ou apenas por os repreenderem severamente. Ou também a culpa por parte das crianças, porque quando estas percebem que fizeram algo de errado e ouvem os pais a repreende-las também se sentem culpadas pelas suas ações.

A culpa é um processo importante para que a criança interiorize as regras, porque assim percebe que teve um comportamento negativo.

2.8. Desobediência na escola

Segundo David Rodrigues, encarar a questão da indisciplina é, pois, uma tarefa de toda a escola (de todos os adultos e jovens que lá se encontram e se relacionam). Uma tarefa que deve contar com a mobilização inteligente e positiva das famílias e das comunidades.

Educadores e professores tomam conhecimento de estratégias ao longo da sua formação académica assim como experiências adquiridas no seu trabalho. No entanto, cada grupo de crianças desafia o seu docente no que diz respeito às regras na escola ou na sala de aula este deverá manter uma postura calma e assertiva tomando decisões para contornar a situação.

Nos primeiros anos, em pré-escolar é importante o cumprimento da rotina, a definição de algumas regras de fácil memorização e compreensão por parte das crianças. Já no 1.º Ciclo estes poderão estabelecer mais limites, definir mais regras cívicas e criar um ambiente de aprendizagem mais respeitador.

É importante que o docente procure implementar métodos como:

- Definir regras – claras e compreensivas (respeitar, cuidar da sala de aula, levantar a mão para falar);
- Construção das regras com os alunos;
- Expor na sala de aula;
- Utilização de gestos não verbais para chamar a atenção dos alunos quando ultrapassam as regras;
- Elogiar as crianças quando agem de modo adequado (reforço positivo);
- Envolvimento dos pais;
- Reforçar interações para ajudar a difundir problemas em potencial.

3. Instrumento

Para responder as questões de investigação anteriormente referidas foi criado o questionário presente no anexo 8. o questionário de opiniões face a desobediência foi elaborado tendo por base o questionário A (in)disciplina na escola de autoria Comregas bem como pressupostos teóricos apresentados na fundamentação teórica deste trabalho.

O questionário contém no seu cabeçalho uma descrição do âmbito do estudo e dos seus objetivos bem como a garantia do anonimato e da confidencialidade de todas as respostas. Seguem-se duas perguntas de caracterização sociodemográfica (idade e ciclo de ensino) seguido de dez perguntas focadas na desobediência na sala de aula e na escola.

Por fim, estão presentes três perguntas referentes há importância de gabinetes direcionados para questões disciplinares.

4. Procedimento

4.1. Procedimentos de recolha e análise de dados

Após a adaptação do questionário, foram realizados os pedidos de autorização para a passagem dos mesmos e duas instituições de ensino.

Foram entregues envelopes com o respetivo questionário em formato papel nas instituições de 15 a 29 de outubro. Após a recolha dos questionários e tendo em conta a sua natureza foi necessária uma análise quantitativa dos dados recolhidos.

Assim os mesmos foram analisados através do programa de análise estatística IBM SPSS (versão 20) tendo em conta a natureza métrica das variáveis foram realizados os procedimentos de limpeza de base de dados de forma verificar valores omissos e possíveis erros de introdução dos dados.

De seguida, foram realizados os procedimentos de análises de dados relativos à análise descritiva da amostra ao realizar médias, desvio-padrão e à análise das frequências.

Por fim, sob este suporte é observável os resultados estatísticos dos dados obtidos através dos questionários de forma a responder às questões de investigação.

5. Participantes

A amostra é constituída por 26 profissionais de educação sendo 12 educadoras e 14 professoras de 1.º ciclo de ensino básico este foi aplicado em duas instituições de ensino com valência de pré-escolar e 1.º ciclo no distrito de Santarém.

Das 26 inqueridas 2 (7.7%) têm menos de 30 anos, 9(34.6%) entre 30 a 39 anos, 11 (42.3%) entre 40 a 49 anos e por fim 4 (15.4%) entre 50 a 59 anos de idade.

6. Apresentação e Análise dos Resultados

6.1. Análise de dados

Caraterizando a amostra de recolha de dados entende-se que 7.7% dos participantes têm menos de 30 anos, 34.6% entre 30 a 39 anos, 42.3% entre 40 a 49 anos e 15.4% 50 a 59 anos. 46,2% dos participantes lecionam em pré-escolar e 53,8% em 1.º ciclo do ensino básico.

Entende-se que 61,5% dos participantes diz existir alguma desobediência na sua escola e 38,5% afirma que existe muita desobediência na sua escola.

Já em sala de aula, 92,3% dos participantes mencionam alguma desobediência e pelo contrário 7,7% da amostra entende que esta não existe na sua sala de aula.

Em relação a situações de desobediência na escola, 65,4% dos participantes consideram que as situações de desobediência pouco graves acontecem frequentemente e 34,6% consideram que acontece ocasionalmente, relativamente a desobediência muito grave

19,2% dos participantes consideram que estas acontecem frequentemente, 76,9% dizem acontecer ocasionalmente e apenas 3,8% acham que nunca acontecem.

Em relação a situações de desobediência em sala de aula, 50% dos participantes consideram que as situações de desobediência pouco graves acontecem frequentemente e 50% consideram que acontece ocasionalmente, relativamente a desobediência muito grave 19,2% dos participantes consideram que estas acontecem frequentemente, 50% dizem acontecer ocasionalmente e apenas 30,8% acham que nunca acontecem.

Questionando os participantes sobre quais as três principais causas para a desobediência na escola estes deram maior atenção aos problemas familiares, muitos alunos por turma e desinteresse escolar.

Afirmam, ainda que em média 69,2% destes participantes dispõe de 20% a 39% do tempo da sua aula para corrigir os alunos que perturbam a sua aula, sendo que 23,1% gasta mesmo de 20% do seu tempo e 7,7% despende 40 a 59% do seu tempo.

Os participantes entendem como situações mais frequentes de desobediência a distração dos alunos, o brincarem/ fazerem palhaçadas e interromperem as aulas com comentários menos apropriados e reagem perante estas situações advertindo os mesmos calmamente, falando coletivamente com o grupo de crianças ou enviando para casa recados.

Alegam ainda, que esta causa pode ser diminuída através dos principais fatores: redução de alunos por turma, redução de carga horária letiva e apostando na formação parental.

Aquando lhes questionado, 84,6% dos participantes concorda que as instituições de ensino deveriam ter um gabinete direcionado para casos de desobediência, 7,7% entende que o mesmo não deveria existir e 7,7% não sabe se deveria existir. Mas demonstram em 92,3 % de respostas que nas instituições onde lecionam não existem gabinetes de apoio para estas situações e apenas 7,7% não sabe se o mesmo existe.

Por fim, a maioria dos participantes em 92,3% afirma que a direção da sua escola resolve as situações de desobediência proporcional ao ato de gravidade e apenas 7,7% resolve-as de forma permissiva.

6.2. Discussão de dados

O presente estudo é constituído por uma amostra de 14 professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico e 12 educadores de Pré-escolares, que correspondem respetivamente a 53.8% e 46.2%.

Os números maioríssimos de 11 participantes têm idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos, seguido dos 30 aos 39 anos com 9 pessoas, 50 aos 59 anos (4 pessoas) e por fim menos de 30 anos onde apenas 2 pessoas constituem a amostra.

Através dos resultados analisados é evidente apesar de pouco significativo que os professores de 1.º Ciclo afirmam com média de 2.71 que a desobediência em escolas de 1.º Ciclo é superior ao Pré-escolar que apresenta uma média de 2.

No entanto, é visível com média de 3 que os participantes de pré-escolar gastam em média 20% a 39% do seu tempo de aula a corrigir os alunos e os professores de 1.º ciclo apresentam uma média de 2.71. Podendo concluir assim que os educadores em pré-escolar disponibilizam mais o seu tempo no que diz respeito a corrigir os alunos que perturbam a sua aula.

A principal causa apontada pela amostra por causa da desobediência são os problemas familiares, os docentes acreditam que a desobediência surge por consequência da disciplina que as crianças aprendem em casa. Segundo a Direção Geral de Saúde as crianças podem ser vítimas de formas de educação e disciplina inadequadas tais como:

- Não valorizar os bons comportamentos e criticar excessivamente os comportamentos desajustados, não estabelecer claramente regras e limites e ser demasiado flexível quanto ao seu (in)cumprimento, não controlar suficientemente a criança, etc.
- Pais deprimidos, com outras doenças ou sobrecarregados e exaustos, sem apoio da família alargada;
- Ambiente familiar conflituoso, violento ou situações de rutura familiar.

A análise do estudo tratado revela ainda que as situações mais frequentes de desobediência dizem respeito aos alunos que estão distraídos nas suas aulas, brincarem durante as mesmas e interromperem com diálogos desajustados, a amostra tende a reverter estas situações advertindo de forma calma, falar com os alunos coletivamente e enviando recados para casa de forma a envolver os pais e alertá-los para o que está a acontecer.

Acredita-se ainda segundo a amostra que o principal fator para a diminuição da desobediência passa pela redução do número de alunos alertando para a capacidade de um

acompanhamento mais individualizado, bem como de carga letiva que relacionando com uma das situações mais frequentes apontadas por estes é as crianças estarem distraídas este poderá ser um fator importante com a aumento de concentração em aulas mais reduzidas. A aposta na formação é um aspeto apontado também pelos docentes em consequência uma vez mais das causas para a desobediência onde a amostra refere os problemas familiares como principal problema e que poderia ser contornado com formações, seminários, workshops direcionados aos encarregados de educação com temas que abordem o assunto.

Por fim, a maioria dos participantes refere que as instituições não têm nenhum gabinete direcionado à desobediência e também essa mesma maioria acredita que deveria existir um.

Capítulo III - Considerações Finais

1. Considerações Finais

A realização deste estudo foi fundamental para agrupar todo o percurso acadêmico realizado ao longo do mestrado em Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. A apresentação de cada local de estágio vivenciado demonstra a diversidade de situações e comportamentos realizados ao longo destes semestres, assim como todos os momentos de sucesso e insucesso ao longo desta aprendizagem.

Espera-se que estas aprendizagens, sejam encaradas como obstáculos de conhecimento fundamentais no crescimento enquanto futura profissional de educação, tomando mais experiência e testando as minhas capacidades pessoais e profissionais.

Regras e limites são essenciais para o desenvolvimento saudável de todas as crianças. As regras delimitam as atitudes, direcionando o que é permitido ou possível fazer. As crianças não nascem a saber como se podem comportar no mundo, só distinguem o certo do errado por intermédio do adulto.

O mundo ao nosso redor é cercado de limites. Há regras no trânsito, regras no trabalho e até mesmo regras de convívio social, que ensinam o respeito ao próximo. Cada família tem suas próprias regras e deve decidir quais são negociáveis e quais não são. Para serem cumpridas, as regras deve ser: claras, coerentes e consistentes.

Este estudo realça a importância da disciplina em casa e na escola e faz referencia a uma das causas mais comuns subjacentes a desobediência, procura-se através da análise do instrumento utilizado recolher informações a professores e educadores sobre a desobediência infantil. Conseguindo uma reflexão após a análise das respostas dos participantes e os fundamentos teóricos uma coerência no significado das respostas às questões orientadoras deste estudo.

Por fim, a desobediência nas crianças é uma problemática que pode atingir comportamentos graves na dinâmica familiar e social. É emergente uma mudança quer em casa como nas escolas para a diminuição do comportamento e a compreensão sobre o mesmo.

2. Implicações do estudo para a prática

Foi identificável que uma das causas mais apontada é muitos alunos por turma e visto isto uma das mudanças que poderão ser feitas é reduzir este número.

Tendo em conta que existem níveis de desobediência em sala de aula seria importante apostar na formação de docentes relativamente a esta temática através formações, dando ferramentas necessárias para dar resposta à desobediência. O mesmo acontece com encarregados de educação sendo estes os mais indicados pelos professores como causa de desobediência.

3. Estudos Futuros

É necessário estudo mais alargado para se perceber a realidade portuguesa no que diz respeito a tema tratado, podendo assim adaptar a intervenção à realidade.

É emergente a criação de questionários aferidos à nossa população para a possibilidade de desenvolver estudos nesta área. Seria importante replicar o estudo em faixas etárias mais elevadas e níveis de ensino superiores aos tratados.

Referencias Bibliográficas

- Larroy, C., Puente, M. (1997). A Criança Desobediente. Campo das Letras.
- Thomas B., Joshua S. (2010). O Método Brazelton: A Criança e a Disciplina Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. (1998) Relação Pedagógica Disciplina e Indisciplina na aula. Porto Editora.
- Clerget, S., Costa-Prades, B. (2008). A criança e a obediência. Editorial Presença.
- Templar, R. (2009). 100 regras para educar o seu filho. Editorial Presença.
- Brazelton, T. (2010) O grande Livro da Criança “O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos”. Editorial Presença.
- Direção Geral de Saúde. (2007). Problemas de Comportamento na Criança e no Adolescente. Ministério de Saúde
- Rodrigues, D. (2015). (In)Disciplina na Escola. Público.
- Schelbauer, V., Galera, J. (2008). (In)disciplina na escola: Limites e Possibilidades de uma Intervenção Pedagógica.
- Henriques, A. (2017, outubro,6). (In)disciplina na escola. Retrieved from:
<http://www.comregras.com/inquerito-indisciplina-na-escola/>
- Ministério da Educação (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré- escolar. Lisboa: Departamento de Educação Básica

Anexos

Anexo 1

Planificação “O macaco barulhento adora brincar”				
Áreas de conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Materiais	Avaliação
<p>Expressão e Comunicação: Domínio da linguagem oral.</p> <p>Conhecimento do mundo: Domínio da curiosidade e do desejo de saber.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desenvolver o conhecimento como os sons dos animais e reconhecer os mesmos; 2. Reproduzir os sons correspondentes aos animais. 	<p>Começamos inicialmente a aula por apresentar o livro e explorando o macaco com som (fantoche incorporado no livro). Depois demos início à leitura da história, interpretando os sons dos animais ao longo da história pedindo às crianças que acompanhem os sons respetivos de cada animal.</p>	<p>História.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Observação direta; <input type="checkbox"/> Fotografia.

Anexo 2

Planificação “Panda e os caricás – Os sons dos animais”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividades	Materiais	Avaliação
<p>Expressão e Comunicação: Domínio da linguagem oral.</p> <p>Expressão e Educação Físico Motora: Desenvolver a motricidade grossa. Adquirir competências de locomoção.</p> <p>Conhecimento do mundo: Domínio da curiosidade e do desejo de saber.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Produzir os sons dos animais; 2. Reproduzir formas de locomoção dos animais como rastejar, andar, gatinhar, saltar. 	<p>Neste jogo, as crianças começam por se sentarem no tapete e ouvem a música e os sons correspondentes a cada animal. Depois começamos por imitar cada um dos animais da música que estão a ouvir, como por exemplo, o gato.</p> <p>Por fim damos início à imitação da locomoção de cada um dos animais.</p>	<p>Música – “Panda e Os Caricás - Os Sons dos Animais.”</p>	<p>Observação direta; Fotografia.</p>

Anexo 3 e 4

Planificação “Identificação dos sinais e Jogo de circuito”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégia/Atividade	Materiais	Avaliação
<p>Formação Pessoal e Social: Domínio da Autonomia; Domínio da Partilha do Poder.</p> <p>Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral;</p> <p>Expressão e Comunicação: Domínio da Expressão Motora</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promover o diálogo; ✓ Promover o interesse em comunicar; ✓ Promover a interação entre pares; ✓ Promover a autonomia; ✓ Identificar as diferenças nos grupos de sinais de trânsito. ✓ Desenvolver os conhecimentos adquiridos; ✓ Identificar os sinais e o seu significado; ✓ Promover a expressão motora em ambos os jogos. 	<p>O grupo de crianças é dividido sendo que metade ficam com uma estagiária no jogo de identificação de sinais em que uma a uma a estagiária dá sugestões como “coloca o pé direito num sinal de informação” de onde a criança terá que ficar com os 2 pés e 2 mãos em sinais diferentes assim como os colegas e numa embrulhada alguma criança largar a sua posição o jogo acaba.</p> <p>No segundo jogo a outra metade do grupo ficará com outra estagiária que enuncia as regras do jogo do circuito que à semelhança do jogo da glória tem “casas” construídas pelas crianças assim como sinais e onde estes jogam um dado e avançam consoante o</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Jogo de circuito; ✓ Jogo de identificação. 	<p>Observação direta.</p>

	✓ Promover o sentido de lateralidade.	numero que calhe respeitando as ordens das casas correspondentes ao sinal de trânsito de cada casa. Neste jogo as crianças são os próprios peões e assim que terminado os grupos trocam de jogo.		
--	---------------------------------------	--	--	--

Anexo 5

Planificação “Retrato”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Materiais	Avaliação
Expressões Exploração de Técnicas diversas de expressão	<ul style="list-style-type: none"> Entender que cada pessoa é única; Identificar as diferentes características de cada pessoa; Entender que somos todos diferentes. 	Pedir aos alunos que façam um retrato do colega do lado com diversos materiais à sua escolha numa folha A3.	<ul style="list-style-type: none"> Feltro; Lã; Cartolinas; Tecidos; Papel de lustre; tesoura; Cola. 	Observação direta.



Anexo 6

Planificação “Identificação do colega”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Materiais	Avaliação
Expressões Exploração de Técnicas diversas de expressão	<ul style="list-style-type: none"> Entender que cada pessoa é única; Identificar diferentes características nos colegas. 	Pedir ao grupo de crianças que façam uma roda; Aleatoriamente uma das crianças presentes da roda dirige-se ao meio da mesma; Este terá de identificar outro aluno de olhos vendados tocando no seu cabelo, rosto, mãos, etc.		Observação direta.

Anexo 7

Planificação “Plantar alfaces”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Materiais	Avaliação
Expressões e Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Despertar o interesse das crianças para o cultivo de horta e conhecimento do processo de plantação; ✓ Dar oportunidade aos alunos de aprender a cultivar plantas utilizadas como alimentos; ✓ Estimular os alunos a construir o seu próprio conhecimento no contexto interdisciplinar. 	<p>No seguimento da aula de Estudo do Meio a professora em grande grupo relembra as técnicas tradicionais e modernizadas da agricultura, levando os alunos a identificarem a forma correta de plantar alfaces.</p> <p>Levar os alunos para o exterior apresentando-lhes um espaço previamente preparado pela professora para plantar alfaces, iniciar conversa sobre os passos necessários para plantar alfaces e quais os cuidados a ter em conta, pedir que em grupos plantem uma alface.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Alfaces; ✓ Sacho; ✓ Regador; ✓ Água. 	<p>Observação direta.</p> <p>Realizar os procedimentos durante a tarefa no caderno diário.</p>

Planificação “Kahoot”				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias/Atividade	Materiais	Avaliação
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Investigar sobre a evolução das comunicações (pessoais e sociais); ✓ Diferenciar os meios de comunicação pessoal e social; ✓ Reconhecer os vários meios de comunicação. 	<p>Introdução ao tema as comunicações pessoais e sociais, através de uma conversa com base na página 110 do manual do aluno de Estudo do Meio, fazendo a leitura do texto apresentado silenciosamente e posteriormente em voz alta individualmente excertos do texto.</p> <p>De seguida, a professora deverá perguntar individualmente quais os meios de comunicação social e posteriormente pessoal, os alunos deverão dizer oralmente e a professora deverá registar no quadro em simultâneo.</p> <p>Realização da página 111 do manual de Estudo do Meio, questões relacionadas com o comércio local bem como os meios de comunicação, os alunos deverão responder individualmente no caderno diário e</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Caderno diário; ✓ Quadro de giz; ✓ Manual do aluno de Estudo do Meio; ✓ Computador. 	<p>Observação direta; Respostas ao questionário.</p>

		<p>seguidamente a professora deverá corrigir em grupo no quadro de giz registando no caderno.</p> <p>Realização do questionário formulado pela professora no Kahoot, em grupos de 4 elementos, através do computador Magalhães sobre o tema tratado.</p>		
--	--	--	--	--

Anexo 8

Opiniões face à Desobediência

Este estudo insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Santarém sobre a temática da desobediência infantil sendo dirigido a educadores e professores que se encontrem a lecionar, onde se pretende apenas a sua opinião. É importante que responda a todas as questões. Pedimos que, no final, **confira as suas respostas.**

Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos, exclusivamente utilizados para análise estatística, no contexto do objeto de estudo.

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

1. Indique a sua idade:

	Inferior a 30 anos
	Entre 30 e 39 anos
	Entre 39 anos e 49 anos
	Entre 50 e 59 anos
	Igual ou superior a 60 anos

2. Indique o seu ciclo de ensino:

	Pré-escolar
	1.º Ciclo do Ensino Básico

3. Na sua opinião, na sua escola:

	Não há desobediência
	Há alguma desobediência
	Há muita desobediência
	Há extrema desobediência

4. Na sua opinião, na sua aula:

	Não há desobediência
	Há alguma desobediência
	Há muita desobediência
	Há extrema desobediência

5. Caracterize as situações de desobediência que ocorrem na sua escola quanto à frequência e gravidade:

	Nunca	Ocasionalmente	Frequentemente
Pouco graves			
Muito graves			

6. Caracterize as situações de desobediência que ocorrem nas suas aulas quanto à frequência e gravidade:

	Nunca	Ocasionalmente	Frequentemente
Pouco graves			
Muito graves			

7. Na sua opinião, assinale as três principais causas para a desobediência existente na sua escola:

	Pouca vigilância no espaço escolar.
	"Castigos" desajustados (por excesso ou por defeito)
	Falta de apoio pedagógico/social/emocional.
	Desinteresse pela escola.
	Problemas familiares (económicos, afetivos, falta de acompanhamento parental, etc.).
	Falta de valores morais e sociais.
	Elevada carga letiva.
	Duração do tempo de aulas desajustado.
	Conteúdos programáticos desajustados
	O insucesso escolar (retenções).
	A metodologia de ensino.
	A inexistência de gabinetes disciplinares
	Falta de formação específica para os professores lidarem com situações de desobediência.
	Muitos alunos por turma.
	Outro:

8. Indique a percentagem aproximada de tempo de aula que gasta em média para corrigir os alunos que perturbam a(s) sua(s) aula(s):

	0%
	Menos de 20%
	Entre 20% e 39%
	Entre 40% e 59%
	Entre 60% e 79%

Entre 80% e 100%

9. Indique as três principais situações de desobediência, mais frequentes, protagonizadas pelos seus alunos:

Entrarem e saírem da aula aos gritos e empurrões.
Permanecerem fora do lugar (ex.: trocar de lugar; vaguear pela sala; abandonar a aula).
Estarem distraídos.
Dizerem asneiras/palavrões.
Danificarem material e/ou usá-lo indevidamente.
Agredirem verbalmente os colegas (gozar/insultar/ameaçar/humilhar).
Agredirem verbalmente o professor.
Agredirem fisicamente os colegas.
Agredirem fisicamente o professor.
Realizarem tarefas sem o conhecimento e consentimento do professor (ex: fazer trabalhos de casa de outras disciplinas; desenhar; etc.).
Utilizarem sem autorização aparelhos tecnológicos.
Interromperem as aulas com comentários despropositados.
Desrespeitarem o professor (ex: desobedecer, recusar-se a realizar as tarefas, ser rude, discutir com o professor, etc.).
Comunicarem de forma não-verbal com os colegas (ex: através de gestos, expressões faciais ou bilhetes).
Brincarem/ fazerem palhaçadas.
Comerem/beberem/ dormirem na aula.
Fazerem lixo/atirarem lixo para o chão.
Outro:

10. Como reage perante situações de desobediência na(s) sua(s) aula(s):

Ignoro.
Advirto de forma calma.
Advirto de forma exaltada (gritar).
Dou ordem de saída de sala de aula.
Mudo a planta da sala.
Falo com os alunos de forma coletiva.
Falo individualmente com os alunos.
Altero a minha metodologia de ensino.
Envio recados para casa.
Tento aumentar os níveis de empatia com os alunos.
Outro:

11. Indique os três principais fatores, que na sua opinião, contribuem para diminuir a desobediência escolar:

	Maior responsabilização/penalização dos pais/encarregados de educação.
	Redução do número de alunos por turma.
	Redução da carga letiva dos alunos.
	Alteração da metodologia de ensino.
	Alteração dos conteúdos programáticos.
	Sanções mais severas/frequentes aos alunos.
	Criação de gabinetes multidisciplinares, destinados ao acompanhamento de situações disciplinares.
	Maior flexibilização na duração das aulas.
	Aposta na formação de base/contínua sobre desobediência para professores(mediação).
	Diminuição do insucesso escolar (retenções).
	Reforço de psicólogos escolares.
	Reforço da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e assistentes sociais.
	Aposta na formação parental.

12. A sua escola tem algum gabinete direcionado para as questões disciplinares?

	Sim
	Não
	Não sei

13. As escolas deveriam ter um gabinete direcionado para as questões disciplinares?

	Sim
	Não
	Não sei

14. A direção da sua escola resolve as situações de desobediência de que forma:

	Proporcional à gravidade do ato.
	Permissiva.
	Excessivamente rigorosa.
	Não resolve.